a Cena muda

CINEMA e RÁDIO

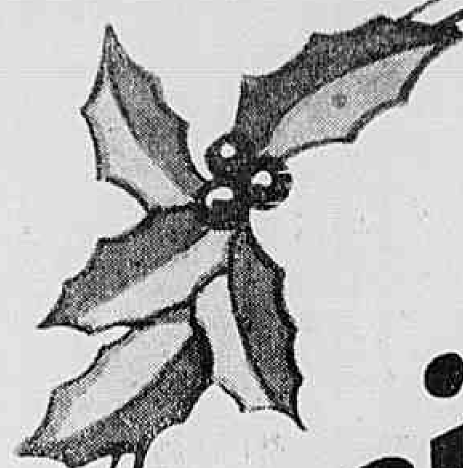
A chegada do autor de "O Direito de Nascer"

O filme premiado: "Rashomon"

Ressurge o "Trio de Ouro"

N.º 50 ★ 12-12-52 ★ Cr$ 3,00 em todo o Brasil





insinuante

A SAPATARIA
MAIS QUERIDA
da CIDADE

Sugere
UM PRESENTE
UTIL
AGRADAVEL
ECONOMICO



DEVOLVE A IMPORTAN-
CIA COM O MESMO
SORRISO COM QUE
LHE VENDE.

insinuante

CARIOCA, 46-48 – 7 *de* SETEMBRO, 199-201

AT. SEMOG

LEVY KLEIMAN

apresenta em



CINEMA

Reportagens especiais

A arte de fazer um filme 4
Tabarin, ninho de mulheres bonitas .. 7
Zsa Zsa Gabor dá seu parecer sôbre trajes masculinos 11
O script põe e o destino dispõe 18

Cine-romances

Você já foi à Havana? 12
Sedutora selvagem 14
Rashomon 16

Seções permanentes

Comentário: "Abusos", (Lívio Dantas) 3
Estrêlas no mundo do cinema 6
Telas da cidade 8
Cine-mundial 13
Hollywood Boulevard 15
CENA responde e Cine-crítica do leitor 20

RÁDIO

Reportagens especiais

Carmélia Alves — "Rainha do Baião"....21
Chegou ao Rio Felix Caignet 25
Ressurge o "Trio de Ouro" 27

Seções permanentes

Disse-me-disse, Pontos de vista, Daqui-dali-dacolá, e Vale a pena saber ... 24
Sintonizando e Rádio-social 33

Rádio-novela

"As rosas de Maria Angélica", de José Fernandes (14.º capítulo) 31

Música popular

Para você cantar 30

Fotos

Alberto Ferreira Lima, UCB, Metro, Atlântida, Tele-filmes, Art, San Miguel, Flama, R.K.O. e do Correspondente Especial em HollYwood.

COMENTÁRIO

ABUSOS...

1. Muito já se falou sôbre a ilimitada capacidade de proporcionar desconfôrto que têm as casas de exibição desta muit leal e bem-amada cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Muito também já se escreveu. Muito se gritou, berrou, esperneou. Tudo porém baldado. Tudo infrutífero e inútil, pois as indiscretas pulgas dos cinemas continuam mais indiscretas, o rangido das poltronas range com maior estrídulo, o ar refrigerado é menos refrigerado, o som rouquenho é mais rouquenho, as telas sujas estão muito mais sujas e, pior que tudo, os anúncios comerciais continuam mais insistentes, o que quer dizer, mais comerciais. Tanto já se feriu êste assunto que estas ponderações já não podem valer mais de nada e se nos detemos nelas é por uma absoluta falta de novidades e não porque acreditemos que água mole em pedra dura tanto bate até que fura. Não fura, dizemos nós. Ou pelo menos, a metáfora não se aplica convenientemente ao caso, seja por que a nossa água é demasiado mole, seja por que a pedra dos cinemas é, em verdade, muito dura.

Abuso maior não pode existir que a projeção de anúncios comerciais feitos por meio de "slides" coloridos nas telas dos cinemas ditos de classe. Imagine o leitor que, um belo dia, se decida a comprar qualquer coisa numa loja, vamos dizer, um piano. Claro que você vai sair de casa para comprar um piano e não lubrificante de automóvel ou sabão de côco. Pois bem. Antes de experimentar o teclado, antes de testar o encordiamento e de examinar as ressonâncias do instrumento, você será obrigado a ouvir que o sabão de côco limpa muito bem as panelas e que o óleo tal é ótimo para os freios de seu carro. Se o leitor fôr como o cronista, que não se preocupa com panelas e a quem não foi dada a ventura de possuir carro, certamente voltará para casa de mau humor, chateado com a intromissão de coisas prosaicas em seus belos sonhos de ter um piano...

Em se tratando de cinema, dá-se o mesmo. A gente sai de casa, toma o bonde, entra na fila, compra o ingresso, fica muito tempo em pé, tudo para ver o filme. Antes porém que se consiga êsse prazer tão efêmero, tem-se que ser submetido a testes de estoicismo, engulindo em sêco reclames de quinquilharias, como se a via-crucis por que se passou para entrar na sala de projeção não fôsse suficiente para redimir a alma do mais impedernido pecador...

2. O segundo abuso não é pròpriamente um abuso. E' um achincalhe ao público. Levam-se os filmes bons e limpos para os cinemas de terceira ordem, enquanto que as baboseiras são lançadas nas casas melhores que são as de segunda ordem, já que as de primeira não as há. Assim aconteceu com dois filmes notáveis como "Horas Intermináveis", de Henry Hathaway e "O Transgressor", de Alberto Cavalcanti.

Que poderemos fazer para remediar tal estado de coisas? Deixar de freqüentar os cinemas seria uma solução, mas uma solução simplória que não queremos aventar. Ademais, de que iriam viver os pobres exibidores, coitadinhos, tão magrinhos!...

LÍVIO DANTAS

NOSSA CAPA

Duas cantoras de grande prestígio na música popular, Dircinha Batista e Carmélia Alves, abraçadas, numa demonstração do espírito de fraternidade que reina entre os astros do microfone. Os leitores poderão ler nas páginas 21, 22 e 23 uma interessante reportagem sôbre Carmélia Alves. **(Foto Alberto F. Lima).**

EXPEDIENTE

Fundada em 1921
Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Diretor: **Gratuliano Brito** — Assistente: **Renato de Alencar**
Chefe de Publicidade: **Severino Guimarães**
Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro — Brasil

TELEFONES:

Redação 22-4447
Administração e Publicidade 22-9570
Gerência 22-8647
Contabilidade 22-2550
Portaria 22-5602

Endereço Telegráfico: «REVISTA»
Distribuição e Publicidade em São Paulo: AGÊNCIA ZAMBARDINO, Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1596

PREÇO e ASSINATURA

Número avulso em todo o território nacional	Cr$	3,00
Assinatura anual (52 números)	Cr$	150,00
Assinatura semestral (26 num.)	Cr$	75,00
Assinatura anual sob registro	Cr$	180,00
Assinatura semestral sob registro	Cr$	90,00
Assinatura para o estrangeiro, anual	Cr$	280,00
Assinatura para o estrangeiro, semestral	Cr$	140,00
Número atrasado	Cr$	4,00



No ponto final da cena, Roberto Batalin e Fada Santoro

LUZ, CÂMARA, AÇÃO!

A ARTE DE FAZER UM FILME

A PREPARAÇÃO DO ARGUMENTO — ESCOLHA DOS ARTISTAS — OS CONTRATEMPOS E AS SURPRÊSAS NA CONFECÇÃO DE UM FILME BRASILEIRO — UM GIRO PELOS ESTÚDIOS DA FLAMA, DURANTE AS FILMAGENS DA COMÉDIA-REALISTA "AGULHA NO PALHEIRO" — UM CRÍTICO DIRIGE

Por LUÍS JORGE

O cinema tem os seus vastos mecanismos, todos êles muito complicados e na sua maioria, reconheçamos, inteiramente desconhecidos pelo público que aflui anualmente às salas de exibições. Portanto, resulta em algo sumamente curioso, e interessante principalmente para aquêles que não podem «ver» mas podem «saber», através das leituras das revistas especializadas e das colunas dos jornais, reunir aqui em nossas páginas, de uma



O ator Waldemiro Costa, sobe os degraus da Flama. Alex, de papel na mão, observa atentamente êste novo valor



Oscar Juarez, preparando Fada Santero antes da filmagem



O diretor do filme dá as suas últimas instruções ao jovem ator



Roberto Batalin, mostra suas habilidades como motorneiro da Light. Esta cena foi tomada de outro bonde



O diretor de fotografia Mário Páges, de fotômetro na mão medindo a intensidade de luz, numa cena com Fada Santoro

maneira sucinta, ao que o espaço permita, as diversas fases da confecção de um filme, de um filme brasileiro, melhor seria dizer, porque vamos fazer uma viagenzinha aos domínios dos estúdios da Flama, onde se filma a comédia-realista «Agulha no Palheiro», produzida por Moacir Fenelon de cuja direção se encarregou o ex-crítico cinematográfico Alex Viany e onde, no elenco, pontificam os nomes de Fada Santoro, Jackson de Souza, Dóris Monteiro, Sara Nobre, Roberto Batalin, Hélio Souto, César Cruz, Carmélia Alves e os Trigêmeos Vocalistas. Comecemos, então, pelo princípio, pela ordem legal das coisas, já que, se vocês não sabem, quase todos os filmes começam pelo meio, pelo fim ou entre uma coisa e outra, mas nunca pelo princípio...

O ARGUMENTO, OS ARTISTAS E AS SURPRÊSAS

O diretor Alex Viany lá está com o seu assistente Nelson Pereira dos Santos e o produtor Moacir Fenelon, entregue à elaboração final da cenarização, o roteiro cinematográfico já escrito. Êle não só se responsabilizou da realização do filme, a direção, como também pelos diálogos, história original e o roteiro. Conclui-se finalmente de que está tudo em perfeita ordem. Dos personagens que os artistas vão viver frente à câmara, alguns foram feitos especialmente para determinados nomes, como por exemplo Jackson de Souza, que no filme é o «Baiano», um motorista de auto-lotação no Rio de Janeiro, e indiscutìvelmente a figura ideal imaginada por Alex Viany. Caso especial resultou o contrato da atriz Fada Santoro para fazer a «Mariana» da história de «Agulha no Palheiro». Logo de início tornou-se desesperada a busca que se fêz para encontrar a heroína da história, e foram sem conta os testes resultantes dessa procura. — «Aquela está mais ou menos...» «Não, aquela não!...» «E que tal?... Não! Não pode ser por que já está contratada por outro estúdio!» — E assim por diante. Mas, o fato é que Alex Viany havia se compenetrado de que a heroina imaginada era uma figura diferente: meiga, de rosto sumamente angelical e de uma inocência traída por terrível circunstância. Diferente mesmo. Atrizes de teatro, do rádio, da televisão, passaram tôdas pelos testes exigidos, embora sem qualquer resultado positivo. Afinal ficou reconhecida em Jean Quick, uma jovem de descendência inglésa, a capacidade para interpretar «Mariana». Mas Jean Quick preferiu os seus cursos de ballet ao papel que com tanta oportunidade se lhe oferecia... Veio outra mocinha para o papel, inteiramente desconhecida nos meios artísticos: Sheila Waddington. Aprovada inteiramente nos testes e também inteiramente comprometida com os estudos, que apenas lhe davam folga para filmar umas duas ou três vêzes por semana...

AS FILMAGENS VÃO COMEÇAR

Aperta-se o cêrco. O produtor Moacir Fenelon ordena que as filmagens de «Agulha no Palheiro» devem começar o quanto antes, com o elenco já contratado. «Mariana», então, parecia um problema absolutamente insolúvel, até o dia em que se pensou em Fada Santoro... que veio, viu, aprovou e foi aprovada! Personagem sem problemas, entretanto, foi o entregue a cantora Dóris Monteiro, cuja fascinante personalidade e comprovado talento foram de encontro aos desejos de Alex Viany. Pode-se dizer que Dóris Monteiro superou inteiramente a espectativa. Que formidável comediante ganhou o cinema brasileiro! O elenco ficou pronto: Fada, Jackson de Souza, Dóris, Batalin, Hélio Souto, César Cruz, Carmélia Alves, Os Trigêmeos Vocalistas, Manoel Rocha, Renée Bell, Helba Nogueira, Israel Garcia, Raimundo Higino, Jaudet Cury, Lucília Reys, Augusta Moreira, Savina Marques e Cora Costa. Ah, mas Cora Costa teve que ser substituída a última hora. Embora reconhecidamente uma atriz de méritos, Cora Costa não ficava ajustada ao personagem imaginado. Contratou-se então Cara Nobre, o que significou um tento lavrado nas mais perfeitas condições. Passamos agora às filmagens pròpriamente dita. A primeira foto de publicidade é batida, augurando-se à todos felicidades no decorrer das filmagens. Que cada um, tecnicos e artistas, seja um colaborador além da espectativa.

(Cont. na pág. 30)



A estrelíssima Tônia Carrero e Adolfo Celli foram levar sua mensagem de apoio, a mais uma produção nacional



Lia Amanda e Gabrielle Ferzetti numa expressão romântica do filme de Augusto Genina

Estréias no mundo do Cinema

TRE STORIE PROIBITE (Três histórias proibidas) — filme italiano

Vitimado num mesmo acidente, Renata, Annamaria e Giana procuram o restabelecimento num mesmo hospital, ocupando leitos vizinhos. São três heroínas de diferentes dramas que, por estranheza do destino, se conhecem e buscam suas próprias soluções na tragédia que as iguala.

A tragédia de Renata começou nos albores de sua adolescência, quando um amigo de seu pai abusou dela. Humilhada e olhada por sua família através de uma fria e hostil indiferença, a jovem se crê sob um complexo de inferioridade. Procura libertar-se da psicose pelo estudo e é tentando recompor sua vida que se encontra no local do desastre.

A história de Annamaria é a de uma moça pobre que se torna rica pelo casamento. A prosperidade, entretanto, não a torna feliz e o herdeiro com quem casara era um maníaco e uma criatura incapaz de encarar a vida como uma pessoa normal. Abandona-o e é retornando para sua pobreza, ao atravessar uma rua, que se vê também vítima do desastre.

A terceira história é a de Giana, a que nasceu em condições excepcionais de educação e bem-estar social. Filha de um professor de universidade, noiva do assistente de seu pai, a moça é levada aos mais tortuosos caminhos da degradação por um inescrupuloso rapaz que a inicia no vício de entorpecentes. E' se dirigindo para um encontro furtivo com êle que Giana conhece o horror da catástrofe.

Enquanto que o estado de Renata e Annamaria não inspira cuidados, o de Giana é grave e apesar dos esforços ela morre. A vida, entretanto, começa a refiorir para as suas companheiras sobreviventes....



Antoniella Lunaldi e Enrico Luzzi, o segundo par de «Tre Storie Proibite»

PROGNÓSTICO — Eis, em breves linhas , a trama do filme de Augusto Genina. Original, sem dúvida. Muito sedutor o seu plano de desenvolvimento, onde tipos bem nítidos, humanamente nítidos, retratam o comportamento das mulheres diante de suas próprias irrealizações.

LES ADORABLES CRÈATURES (As adoráveis criaturas) — Filme francês

Como "Tre Storie Proibite", "Les Adorable crèature" é também um filme feminino. Trata por conseguinte da psicologia da mulher, não como no filme italiano em que elas se vêem a si mesmas, mas como as vemos nós que pertencemos ao chamado sexo forte. Por isso, "Les Adorables Crèatures" tem outras tonalidades, outros ângulos, outras feições que sòmente os homens conseguem descobrir nas filhas de Eva. E o que o filme do diretor Christian Jacques nos vem contar é o que, de resto, dizemos todos nós: que a mulher tem a volubilidade da andorinha e a memória do elefante; que não se esquece de nada no mundo, a não ser a sua idade; que o seu encanto reside muito mais no acervo de seus defeitos que de suas virtudes; que a mulher, enfim, foi posta no mundo para dar caráter álacre e vivo à obra da criação, etc., etc.

PROGNÓSTICO — "Les Adorables Crèatures" pràticamente não tem enrêdo. O que o filme explora e muito bem é uma exaltação à mulher em episódios divertidos saídos da imaginação de Charles Spaak e Jacques Campaneez. Danielle Darrieux e Daniel Gélin são os animadores dessa película que se nos afigura interessante e que traz o nome de Christian Jacques na direção, nome que pouco a pouco vai se firmando no setor da comédia fina.



Daniel Gélin e uma das adoráveis criaturas do filme «Adorables Créatures»: Danielle Darrieux



TABARIN

NINHO de MULHERES BONITAS

UMA PEQUENA INCURSÃO PELOS CORREDORES DO FAMOSO "TABARIN", UM DOS MAIS FREQUENTADOS "MUSIC-HALLS" DE PARIS

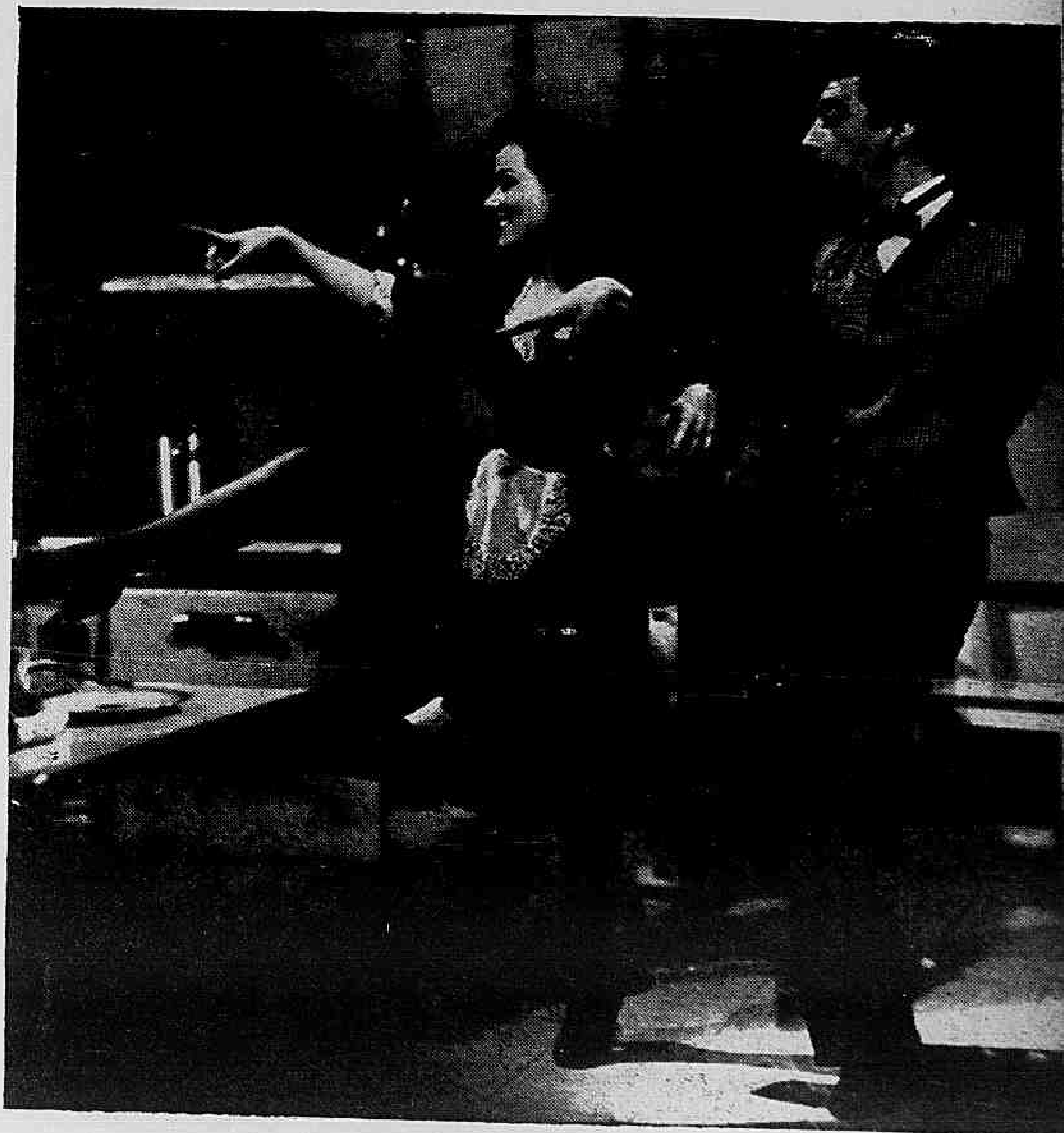
Por GEORGES BLANC

Paris é sinônimo de prazer, luzes, alegria, amor... Têm razão os que a cognominaram de «Cidade Luz»! Para o mundo inteiro, Paris significa o sonho, a fantasia... e até a realidade, mas uma realidade que não desaponta, mas sim, aumenta o interêsse de maneira crescente... Paris soube se impor em todo o Universo não só como a Capital da Moda, dos Perfumes, mas também como a Meca da Alegria para o turista! Qualquer estrangeiro encontra-se como se estivesse em sua própria casa; é sempre recebido de braços abertos. Os lugares de prazer são inúmeros na capital da França; teatro e cinemas funcionam diàriamente, «boites», «cabarets» e «music-halls» estão sempre repletos, sempre regorgitantes, fornecendo ao público espetáculos de bom-gôsto, de luxo e beleza... Mas existe um lugar que merece um comentário à parte: é o célebre, o famoso e admirado «Tabarin», onde qualquer turista encontrará o final de uma noite de alegria. E' verdade que a escolha é grande em Paris; lugares para se divertir existem muitos, mas para não haver hesitações, faz-se apêlo à tradição. E a tradição diz: Tabarin, onde o «French-Cancan» já fêz a volta ao mundo.

O Tabarin evoca nos países monótonos, o luxo dos prazeres quase inacessíveis e para muitos, proibidos, ou melhor, os prazeres que os que se chocam fàcilmente, gostam de impedir aos outros... O Tabarin é como que o viveiro das mulheres bonitas. Os mais belos corpos da França (ou de alhures) desfilam tôdas as noites em «toilettes» deslumbrantes (ou sem «toilettes», o que é ainda mais deslumbrante), proporcionando ao público masculino o verdadeiro significado da beleza nua, sem mesmo passar pela Maldade...

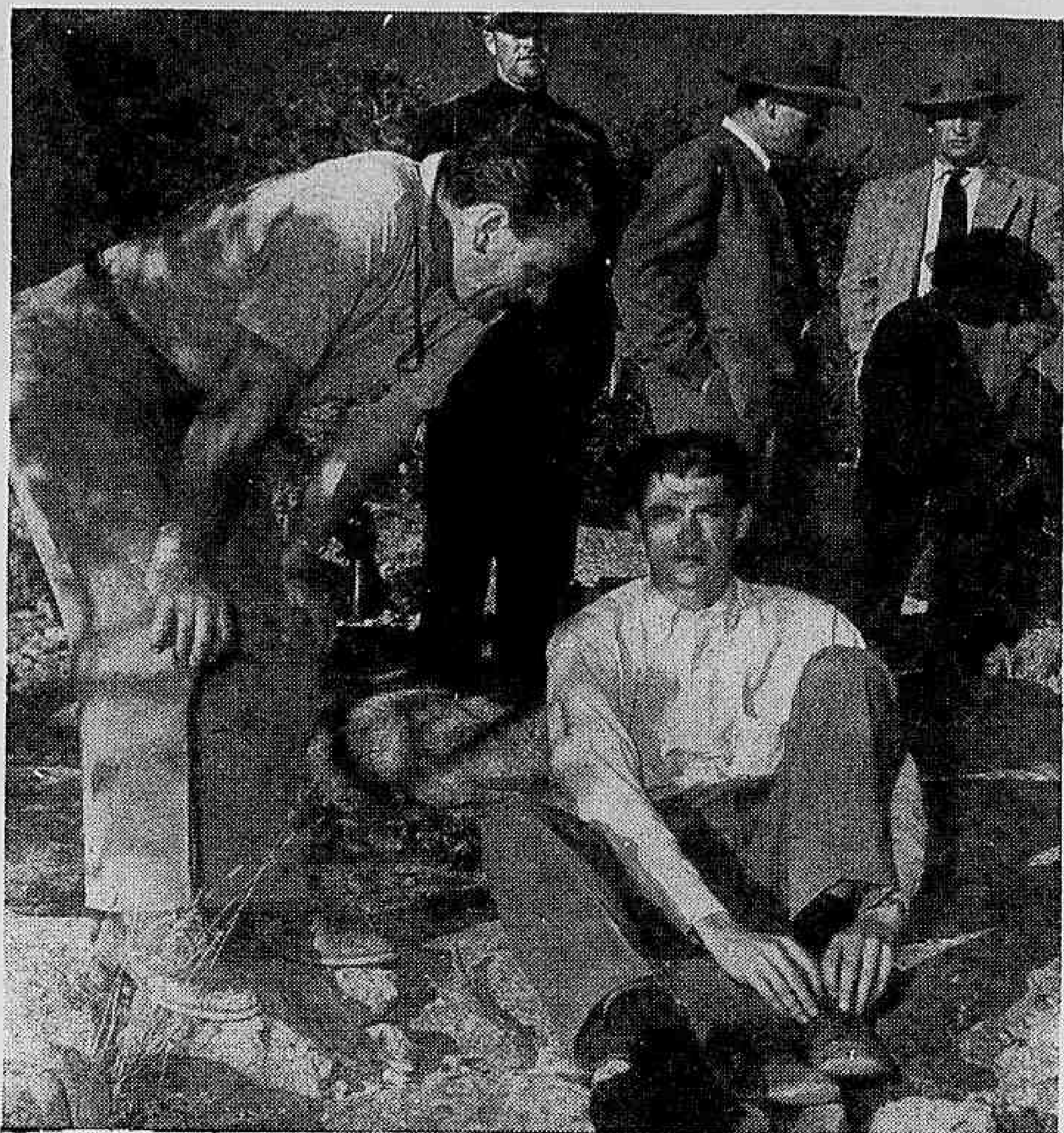
E' certo, os falsos moralistas (que infelizmente existem no mundo inteiro) condenarão sempre e sempre êsses espetáculos, considerados por êle, o suprassumo da moralidade. Na verdade não é esta a preocupação dos responsáveis por êsse gênero de teatro; o que êles querem é oferecer ao público um «show» de arte e finura, onde a beleza da mulher é enaltecida de maneira sincera, sem recorrer a excessos.

O corpo de «girls» do Tabarin surge em inúmeras cenas de «Uma noite no Tabarin», a produção da «Telefilmes» que iremos ver brevemente. Bailados deslumbrantes, como o da Serpente e Eva, dão-nos uma amostra do bom-gôsto que (Cont. na pág. 34)





TELAS DA



CAMINHO DA ESPERANÇA

É o cinema italiano um dos mais vigorosos na atualidade. Em primeiro lugar, dada a sua nacionalidade espontânea e pura, e que, por isto, o torna universal, sem que, nem os italianos, nem os demais povos, se choquem com a introdução de típicos "patriotismos". E em segundo lugar, como conseqüência, pois foi o cinema italiano o que conseguiu deter e talvez, mesmo, vencer o comercialismo que amordaça as outras cinematografias nacionais, utilizando-se sempre de temas sérios e adultos. E em terceiro lugar, porque êstes temas começaram a ser tratados de uma forma que aos poucos vai-se amadurecendo e cristalizando. Foram os realizadores italianos de após guerra que se utilizaram de tôdas aquelas lições ministradas por Eisenstein, Flaherty (e mais tarde pelos documentaristas britânicos), e foram captar as suas histórias no próprio lugar em que elas se desenrolam e assim sublinhá-las com a atmosfera que as rodeia e que nunca pode ser reproduzida artificialmente. Êles não só elevaram ao máximo as concepções do neo-realismo, mas se valeram de uma série de recursos formais como prolongamento das necessidades da Escola. Assim, procurando o exterior valorizou-se a imagem, o que, por sua vez, provocou uma maior preocupação pela composição e pela enquadração, pois quanto melhor fôr captado o assunto mais bela será a tomada e, portanto, transmitirá mais emoções. O captar mais e melhor redundou numa série de buscas formais e delas tivemos o uso generalizado da *tomada em profundidade* que vinha sendo feita sòmente em interiores.

E "Caminho da Esperança" enquadra-se perfeitamente em todos os delineamentos genéricos ao neo-realismo italiano.

Estando não só assentado mas profundamente impregnado de realidade e de vida, êle constituiu-se para um público menos preparado numa convincente história comercial. Reside nisto uma das grandes fôrças do cinema italiano em oposição às tendências do cinema francês. É que o cinema peninsular, apesar do alto nível artístico e cultural de suas realizações não tira os pés da terra e as suas obras resultam acessíveis a leigos e cultos. A sua profundidade, esta sim, fica restringida aos de sensibilidade mais apurada, enquanto que o cinema francês, banha-se atualmente em côres demasiadamente cultas, intelectuais, cerebrais e inacessíveis.

Êste filme, dirigido por Pietro Germi, é uma obra em que os momentos de alegria se alternam com os de tristeza, sobrenadando acima de todos os sentimentos uma sensação de coisa Pura e Bela.

Mas ao lado disto, há a constação jornalística de um problema — a miséria dos agricultores sicilianos — e o filme, assim, não fica só no transmitir sensações belas, mas sacode as pessoas de alguma sensibilidade, de sua letargia egoista e confortável. Mais uma síntese alcançada pelo cinema italiano que, entretanto, mal conduzido (como já por diversas vêzes o vimos e como sobretudo no Brasil pretende-se fazer), redundará em coisa forjada, em coisa com finalidades a atingir, e missões a cumprir. Aí então a Arte estará morta.

E exatamente o final de "Caminho da Esperança" é belo por que êle flui esportivo, otimista e confiante, sem que tenha sido feito sob medida.

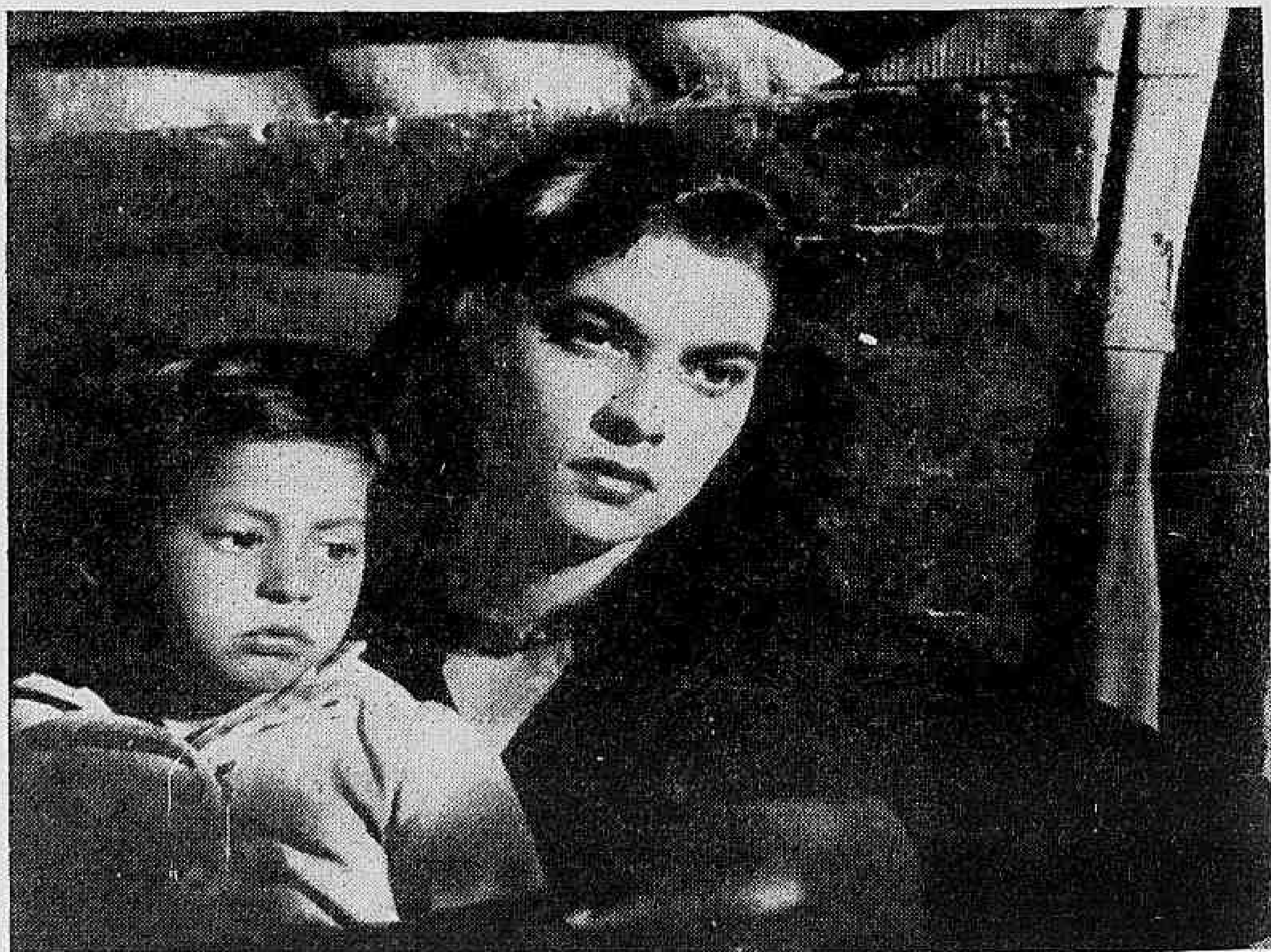
Cantamos porque transbordamos de alegria. Choramos porque a tristeza nos amargura. E a obra de arte deve ser criada com esta sinceridade.

CIDADE ATÔMICA

Procurando sutileza, tentando puerilmente velar nomeações e caracterizações, êste filme não deixa de constituir um sinal da subserviência de Hollywood à politica externa norte-americana, justificada ou não (não nos compete aqui debatê-lo). Se os realizadores não queriam localizar nominalmente os autores do rapto e do furto da fórmula atômica, por uma questão de "elegância" ou talvez mesmo, admitimos, querendo fugir ao espírito de provocação que emana de todos os filmes bélicos e politico-policiais norte-americanos, então por que fazer um filme que a cada *take* e a cada situação lembra a bomba atômica? Porque e para que lembrar a guerra? Por que e para que esta preparação indireta, vagorosa, mas firme, por que esta aclimatação das platéias mundiais à têrmos como Bomba Atômica, à seu possivel e "necessário" uso, à eventualidade de uma nova e terrivel conflagração mundial? Quando se procura e se anseia pela paz não se fica lembrando a guerra a todo instante. O lembrar a guerra, nos dias presentes, é mais do que prevenir os homens, é sugestioná-los não só a aceitarem-na mas a procurarem como uma canalização para as suas amarguras e as suas insatisfações cotidianas. Não, não concordamos com isto.

Abstraindo isto, o filme foi muito bem realizado, bem interpretado. Enquadra-se, no gênero, por assim dizer,

(*Continua na pág.* 30)



CIDADE

ALBERTO DINES

MULHER ABSOLUTA

Mas desta feita a "coisa" deu certo. A ideologia industrial de lançar um produto e, caso aprove reproduzi-lo às centenas, deu aqui resultados. Da linha de montagem da Metro, da qual saiu há tempos, "Adams Rib" (Costela de Adão), temos agora, "Pat and Mike", com o mesmo elenco, baixo a batuta do mesmo e seguro George Cukor (Born Yesterday), e segundo um script de Garson Kanin um dos bons comediógrafos norte-americanos e autor igualmente de "Born Yesterday".

E se em semanas anteriores tivemos ocasião de apreciar sòmente algumas coleções de piadas, "gags" e situações cômicas alinhavadas por algumas fusões e sem a mínima coesão interna e ligação externa, aqui, percebem-se nítidos todos os traços de uma obra que possui *vísceras*, na qual se o público ri em certo momento não é por que o personagem tropeçou e caiu com o rosto num tapête que reproduz uma mulher nua (ou um outro "gag" semelhante), mas sim porque o riso de agora surgiu como uma conseqüência de uma preparação anterior, de uma *marcação* de diversos detalhes, de um jôgo com êles e do posterior choque entre êles (a velha dialética também serve para se analisar a estrutura de uma comédia...).

E nesta comédia de George Cukor há tudo isto. Há uma elaboração e uma "fermentação" dos elementos, há um desenvolvimento dêles e há, por isto, uma *conseqüência* e uma *coerência* entre o princípio e o fim. Méritos cabem ao argumentista Kanin que soube usar todo um processo teatral de armação da trama e que Cukor inteligentemente aproveitou para narrar com fluência, com têrmos e expressões visuais e criando um ritmo essencialmente cinematográfico à base de rápidas fusões muito funcionais ao tom de *minueto* que tem esta comédia.

Afastando-se do geral e focalizando o específico e o particular, lembramos excelentes passagens satíricas de uma grande finura e sutileza e que dá à obra uma maior pulsação e por causa disto nos aproxima dela. Excelentes são aquêles *long-shots*, (tomadas de conjunto) no campo de golf, com aquelas multidões movimentando-se como rebanhos atrás dos jogadores e mugindo entusiasmadas quando êstes davam uma tacada que êles achavam maravilhosa, ou aplaudindo aristocràticamente quando o vento resolvia ajudar uma manobra do golfista.

De resto, pode-se dizer que o filme é um dêstes em que a cada momento sente-se a presença do realizador, não só na composição dos tipos, mas na criação da atmosfera e sobretudo na criação da irreal realidade artística (no caso, da tela).

Spencer Tracy, um canastrão muito velho e muito emotivo, sai-se entretanto, muito bem baixo a segura direção de Cukor que o algema vigorosamente, evitando heròicamente as suas momices. E quanto a Kathrine Hepburn... Bem, Katie, é tão g-r-a-n-d-e a-t-r-i-z que mesmo sendo feia, sendo magra, sendo ossuda, alta e velha, ela nos deixa suspirando à saída do cinema e mais tarde, a volta de um pedaço de mesa, num pedaço de bar, num restinho de noite, o último verso daquele dia: "Que mulher!"



O ÍMÃ ENCANTADO

O cinema Rex vai-nos, aos poucos, ...cando, se não simpático, pelo menos ...urável. São já três ou quatro as ...manas consecutivas em que neste ...nema são exibidas pequenas obras-...rimas.

O próprio processo de "descoberta" ...stas jóias é curioso e divertido. ...guém, que tem o seu arquivozinho ...em organizado, bem suprido de li...os e revistas estrangeiras, acha re...rências ao filme. Vai vê-lo. Às vê...s, antes ainda, êle "trombeteia" a ...ovidade pelo Vermelhinho ou pelo ...lvadia, ou quando tem suas colunas ...m algum órgão de imprensa, anuncia ... sua descoberta com o maior alarde ...ossível, só para aborrecer e "sabo...ar" os exibidores que tudo fizeram ...ara lançar a obra obscuramente. ...arto que nestas últimas semanas, tornou-se obrigatório o cumprimento: — Já viu o filme do Rex?

E a primeira coisa a fazer é indagar do horário do abacaxi que acompanha o filme para não macular os nossos olhos e a boa obra com estas aberrações. E depois é ver o filme. No nosso caso, além disso é preciso reunir paciência para escrever estas notas.

Contrastando violentamente com "Ídolo Caído", êste filme inglês dirigido por Charles Frend é uma das obras que melhor retratam a Infância. Baixo um tratamento que se orienta o mais possível para a realidade (ao contrário do que ocorre na obra de Carol Reed, "O Ídolo Caído"), e para a identificação com o cotidiano e com o corriqueiro, o filme não deixa de ter uma deliciosa atmosfera de conto de fadas e da fábula, numa maravilhosa e complexa síntese. Pureza mistura-se com fantasia, lirismo com a realidade, criando aquela irreal realidade na qual vivem as crianças.

Ao mesmo tempo, o filme é uma deliciosa sátira ao culto exagerado à psicanálise e à psiquiatria hoje tão vulgarizadas pela moda como o estão os cintos elásticos. E as maiores vítimas desta típica mania burgueza são as crianças que no geral são livres de complexos e recalques, mas que depois que as mamães e os papais descobrem a psicanálise, são presenteados com dúzias dêles.

Sutilmente realizado, com inteligência transbordando de cada *take*, de cada angulação e de cada corte (são tão inteligentemente aplicados que não se os nota), o filme nos traz de volta àquele mundo, hoje esquecido, puro e ingênuo de nossa infância. Sai-se depurado do cinema a ponto de esquecer de que há infâncias que são duras, amargas, dolorosas e tristes.



UM CASO de HONRA

Foi Antony Asquith ("Pigmalião"), quem nos deu recentemente aquêle maravilhoso "The Browning Version" (que aqui chamou-se "Nunca te Amei"), uma das maiores obras do ano. Foi Terence Rattingan, um dos mais vigorosos dramaturgos inglêses da atualidade quem escreveu aquela maravilhosa atualização da tragédia "Agamenon" de Ésquilo. E são igualmente êstes dois artistas quem nos dão agora esta obra realizada um ano antes de "The Browning Version", compreendendo-se, por isto, a imaturidade em alguns toques, quer na concepção, quer no acabamento. Imaturidade esta que posteriormente desapareceu.

Amparados, os dois artistas, por uma segura base teatral (Asquith faz teatro igualmente), caracterizam-se as suas obras pela segurança e solidez de sua arquitetura, o que por si só já garante em grande parte a solidez da obra. Conhecendo teatro, como êle o conhece, Asquith, pode e sabe perfeitamente *como, quando e com que intensidade*, usá-lo para amparar o Cinema e por outro lado, *como, quando e com que intensidade* usar o Cinema para ampliar, aprofundar e dinamizar a arte teatral, que até hoje independe das descobertas científicas e meios tipicamente mecânicos para sobreviver ou aperfeiçoar-se. Arquith e Olivier na Inglaterra, Wyler, Makiewicz, Kazan (e em parte Welles), nos Estados Unidos e Visconti na Itália, e acima dêles todos, Charles Chaplin, são os cineastas que perceberam que um sectarismo artístico, um apriorismo exagerado e fanático por Cinema, ou fossilizaria, ou secaria, os mataria como artistas. Perceberam que Arte independe de meios de expressão e que êstes, apesar do abismo que os separa, completam-se um ao outro (já foi citado anteriormente o exemplo do moderno ballet, das modernas cantatas e oratórios, ou da nova Prosa, do novo Teatro, que é tão poesia como um poema). Sentiram êstes e outros cineastas que se o Cinema e os que o fazem, continuasse nesta pueril orientação de auto-afirmação, de "independência", e d esuperioridade sôbre as outras artes, êle acabaria por se asfixiar e morrer de tanto procurar e "inventar" novas formas, novas expressões e novos têrmos. E por outro lado, se êle estacionasse num determinado grau de "independência" êle estagnaria como arte. E arte que estagna, não dá, não transmite coisa alguma. E arte que não transmite, morre. (O ser humano, por natureza visceralmente egoista, não se entrega a não ser que por outro lado haja também uma entrega).

Em "Caso de Honra", entretanto, Asquith não conseguiu ainda amadurecer a síntese Cinema-Teatro e nem as doses e medidas dos elementos-ingredientes. A própria fragilidade, não do argumento, mas do conteúdo, não lhes permite criar uma obra formalmente e estilisticamente grandiosa. Sente-se a supremacia da palavra e não só da palavra, mas da recitação. A composição dos tipos, exagerada e muito brilhante obedece aos moldes do teatro. Entretanto, mesmo assim, o filme prende a atenção do espectador, devido aos valores humanos colocados no argumento e que sempre (e êste é a essência da Arte), subsistirão mesmo que a linguagem e a forma da obra tenham suas falhas e deficiências.

Serenamente bem humorado, muito correto duro e impecável, o filme não fixa a sua tese sôbre a justiça devido à elegância e polidez tìpicamente britânicas que dêle emana e que são as mesmas que não permitem ao inglês esvaziar completamente sua taça de chá ou *acabar* de beijar uma mulher...



Cyl Farney e Grande Otelo numa cena de «Amei um Bicheiro», que a Atlântida vai apresentar êste mês

NOTÍCIAS e COMENTÁRIOS do CINEMA NACIONAL

Por JUSTUS

SOBE O CÂMBIO: Ao que se soube esta semana, Anselmo Duarte recebeu uma vantajosíssima proposta da Multi Filmes, de Mário Civelli, que lhe daria cem mil cruzeiros por mês para fazer cinco filmes por ano. A Vera Cruze que apesar do que se propala não lhe paga tanto assim, está em polvorosa. Espera-se a todo momento uma contra-proposta de Franco Zampari. Os demais galãs nacionais estão esfregando as mãos de contentes. O câmbio subindo assim, só virá trazer-lhes benefícios.

★

A PROCURA DE CASA: A Atlântida, como se sabe ficou sem estúdio. O seu problema ficou parcialmente resolvido com o aluguel do estúdio da Flama em Laranjeiras, mas cujo contrato deverá expirar dia 16 de janeiro. Soube-se que Severiano Ribeiro andou sondando a Vita-Filmes para adquirir as suas instalações na Tijuca. Os herdeiros de Carmen Santos, entretanto, pediram pelo bem instalado mas mal equipado estúdio, cêrca de 15 milhões de cruzeiros. Severiano Ribeiro lògicamente desistiu pois a Maristela tinha oferecido suas instalações pela bagatela de 8 milhões e êle não aceitara. Aguardemos talvez uma mudança da Atlântida para São Paulo.

★

OUTRO QUE NÃO PÁRA: Apesar do que dêle se diz, Luís de Barros continua fazendo regularmente seus filmes o que demonstra que, afinal, alguma coisa êles valem senão os compradores (exibidores), não os aceitariam. Agora o veterano realizador de "Barro Humano" começou a filmagem de uma comédia carnavalesca, cujo primeiro take foi rodado na semana passada no estúdio da Vita Filmes. Aguardemos.

★

DE EXTRA A COADJUVANTE: Foi por um acaso que Wilson Grey foi fazer aquela "ponta" no filme de Wanderley-Ileli "Amei um Bicheiro". Ricardo Braga (o Cuca), o jovem mas promissor ator e diretor teatral foi o escolhido para fazer o papel. Mas um compromisso com a Televisão obrigou-o a procurar a alguém que o substituisse. O escolhido foi aquêle rapazinho mirrado de nome Wilson Grey. Wilson foi, filmou e tanto agradou pelo tipo e pelo trabalho que os diretores acabaram aumentando o seu papel (fundindo-o com outros personagens). E agora volta Wilson Grey com a notícia de que iria fazer um papel já de relativa importância no novo musical da Atlântida, "Pegando Fogo" no qual contracenará com Oscarito e Paulo Wanderley que está dirigindo "Balança mas não cai", também o chamou para fazer um tipo. Desta forma Wilson começa uma carreira que daqui auguramos seja auspiciosa.

ATRÁS DAS CAMERAS

Por Mr. TAKE

Do Cinema para o Sing Sing é o título da nova história de Elvira Pagã, para os seus inúmeros fãs. A produção terá a duração de 20 meses, entretanto garantimos que se ela entregasse a escrita para o Lulu de Barros, a coisa sairia em 15 dias.

★

..Não é história de quadrinhos... Mas que Mandrake será substituído por Lothar, na França Filmes do Brasil é coisa real.

★

A nossa amiga Rosângela Maldonado, está emocionada com o seu papel quádruplo (a menina, a moça, a velha e a coroa) que está fazendo numa fita assinada por Mancini o pecador imaculado.

★

O ex-aluno do IDECH, Saul Lachtermaker, encontrou finalmente a sua oportunidade no cinema brasileiro. Pois vai realizar documentários para o Clube de Cinema do Rio de Janeiro, em companhia de Manoel Ribeiro (fotógrafo) êsse talento adormecido que foi redescoberto pelo presidente daquela entidade. Good Look a êste Trio que vai na certa abafar nas telas nacionais.

★

O nosso colega de "CENA", Paulo Brandão, anda sendo últimamente muito visto em companhia de Mário Peixoto. Para tudo há "Limite".

★

"DESVIO" é o título do drama que estão vivendo dezenas de trabalhadores do cinema brasileiro.

★

Confessamos que faltou "papa" pra nós, diante da belezinha da Irene Papa, a atriz grega, que passou pelo Galeão num disco voador.

★

A FLAMA parece que vai resolver o problema dos "exteriores", pois vai filmar "Rua Sem Sol".



Elvira, 20 meses nas grades

UM FESTIVAL DE "VER PARA CRER"



No Metro Copacabana, onde teve início o Festival «Ver para Crer», dedicado pela M.G.M. do Brasil aos exibidores. O Festival começou às 9 horas da manhã e terminou, além da meia-noite, no Hotel Glória...

Há dias, no Rio, a M.G.M. do Brasil, em homenagem aos Exibidores brasileiros e inspirada por três de seus importantes filmes, precisamente a «Trinca de Ouro» («Cantando na Chuva», «Scaramouche, o Homem das Mil Aventuras» e «Ivanhoé, o Vingador do Rei») realizou, das 9 da manhã à meia-noite, o Festival «Ver para Crer», que culminou com um imponente jantar realizado no salão de festas do Hotel Glória.

Compareceram exibidores de todos os pontos do país, aos quais foi proporcionada a exibição especial, no Metro-Copacabana, dos filmes da «Trinca de Ouro». No «foyer» superior do Metro-Copacabana, às 13 horas, foi servido lauto almôço. No Hotel Glória, às 19 e 21,30, respectivamente, tiveram lugar o «cocktail» e o jantar.

Os convidados foram recebidos pela alta direção da Metro-Goldwyn-Mayer e pelos gerentes das filiais da Companhia: Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Ribeirão Prêto, Curitiba, Salvador, Pôrto Alegre e Recife.

A impressão deixada foi a melhor possível. Foram todos unânimes declarando que não sòmente o Festival marcou fato inédito nos círculos cinematográficos do país, como assi-

(Cont. na pág. 34)



Zsa Zsa Gabor em "O Amor Nasceu em Paris", acompanhada por um ultra-elegante!

ZSA ZSA GABOR DÁ SEU PARECER SOBRE OS TRAJES MASCULINOS

As roupas também fazem o homem!

Esta é a opinião de Zsa Zsa Gabor, famosa beldade de Hollywood, que refuta a crença geral de que as roupas fazem a mulher, mas que não têm tanta importância para o homem.

E o que Zsa Zsa diz pode ser levado em conta como palavras de uma pessoa entendida no assunto, por que não apenas é ela fascinante aos homens como também é ela fascinada por êles. Considerada como u'a mulher que melhor se veste, dá extrema importância tanto aos trajes femininos quanto aos masculinos.

— Apenas que o homem que se veste com simplicidade se encontra bem vestido — disse a atriz no palco da MGM, quando filmava cenas para a produção em tecnicolor, "Lili", em que aparece ao lado de Leslie Caron, Mel Ferrer e Jean Pierre Aumont.

— Tudo o que um homem na verdade precisa para estar alinhado é de um terno azul, um terno cinza, um paletó de xadrez e calças adequadas e camisa lisa de sport, muitas camisas brancas e um "dinner jacket", se suas atividades o permitirem. Se êle está munido dêsse material e se o mesmo estiver na medida, estará bem vestido, contanto que êle use gravatas e meias discretas. Para mim não há coisa mais horrorosa que gravatas e meias de desenhos e côres berrantes.

A atriz acha que não se tem feito o bastante para educar os homens sôbre o que apresenta melhor aspecto.

— Simplesmente entram numa loja e compram o que lhes atrai o desejo. Depois, põem uma gravata berrante, um paletó de um padrão, calças de outra côr, meias também de outra côr. Como esperam ter boa aparência com tanto contraste em côres? — indaga ela.

Como exemplos de um bom "preparo" conseguido graças à simplicidade nas indumentárias masculinas, Miss Gabor cita o leiteiro, o homem do pôsto de gasolina, o bombeiro, por que suas roupas são simples, alinhadas, e tôdas de uma só côr. Não sugere que todos os homens dêem para usar macacões, mas aconselha que aproveitem a sugestão dêsses senhores e vistam-se com simplicidade.

Para roupas sport ela concorda que os tecidos podem ter mais vida, embora ela pessoalmente deteste camisas floreadas para homens em qualquer ocasião.

Quanto às jóias, estas, também, devem ser conservativas, argumenta a atriz. Detesta as abotoaduras de punho vistosas, acha que os anéis de diamante são de um gôsto péssimo, e diz que os homens não deveriam usar anéis, a não ser a aliança de casamento.

— Um homem deve também ter sua água de colônia pessoal — comenta a atriz. — Esta deve possuir uma fragrância masculina. Afirmo que só há três odores que se adaptam para os homens: sândalo, couro, ou tabaco.

Sua maior queixa é para com os homens que usam suas camisas abertas na cintura.

— Um homem perde todo seu encanto quando êle faz isso — adverte ela. — Acontece o mesmo com a mulher que usa roupas indiscretas.

— O segrêdo do bem-vestir de um homem, ou de u'a mulher é a simplicidade e o bom-gôsto. E, naturalmente, se você tem bom-gôsto, você está sempre vestido com simplicidade.

De acôrdo com Miss Gabor, ela tornou-se atriz justamente para provar que poderia sê-lo, e a julgar pelo número e crescente importância de seus papéis, já se encontra bastante perto da meta — o estrelato.

Sua primeira aparição na tela dá-se no próximo tecnicolor musical da M.G.M., "O Amor Nasceu em Paris" ("Lovely to Look at), com Kathryn Grayson, Howard Keel, Ann Miler, Marge e Gower Champion e o inimitável Red Skelton. Nessa película ela faz o papel de um modêlo que usa os "abafantes" vestidos do famoso figurinista Adrian. Em seguida aparece em "Mademoiselle", uma seqüência da trilogia em tecnicolor da M.G.M., "A História de Três Amôres". E recentemente terminou de filmar "Lili".





"VOCÊ JÁ FOI A HAVANA"

«A LA HABANA ME VOY»

ELENCO:

Blanquita Arenas	BLANQUITA AMARO
Tito	TITO LUSIARDO
Abraão Tupac Amarú	OTTO SIRGO
Laura	MARIA E. GAMAS
Juanito Reynaldo	ADOLFO STRAY

e mais: **Pedro Vargas — Héctor Palacios — Miguel Caló — Frederico Sadel — Raquel e Rolando — Isa Mendonza — Espin e Guanipa — Orquestra de Palau Irmãos — Victory Ballet com suas garôtas — Orquestra feminina de Anacoana e Roche Carlyle Dancers**

Músicas: **Você já foi a Havana — Grande Milonga de Amor — Que linda é você — Negra Triste — Não me olhe — Mambologia — Pela Estrada — A terra de meu bem — E a Rumba — Kos tangos — Atração Cubana**

Direção de: Bayon Herrera — Produção: EFA — Apresentação da: São Miguel Filmes do Brasil.

Buenos Aires... num luxuoso escritório de uma Companhia de Revista estão: o presidente da organização Abraão Tupac Amarú; o diretor artístico Tito Luziardo e Laura, uma jovem que pretende o estrelato. Êles discutem acêrca dos últimos fracassos da companhia de revista que empresam, devido à falta de artistas de sucesso. Abraão está pensando em transformar os teatros em cinemas, começando com a exibição de desenhos de Walt Disney. Seu diretor artístico, tem, entretanto, a esperança de que, de Cuba, chegue um cantor famoso, tão aplaudido que lhe chamam o «Noivo da América». Trata-se de Juanito Reynaldo, um superconvencido e superegoísta.

Momentos depois da grande resolução de Abraão chega um «cable» de Cuba: «Noiva da América» promete vir imediatamente, para uma temporada de três meses. Estava salvo o teatro nacional e, principalmente, o israelita Abraão.

Começam dias depois a febre de preparação do teatro e dos ensaios. Chega finalmente o grande personagem acompanhado de sua «secretária», uma linda jovem cubana, em realidade sua espôsa mas, como os seus contratos não permitem que o cantor seja casado, o matrimônio é mantido em absoluto segrêdo, fato, até certo ponto, desagradável à jovem que se chama Blanquita Arenas.

No aeroporto há uma grande sensação; o cantor sumiu; nem repórteres puderam vê-lo, pois o artista chegou muito cansado e fechou-se a sete chaves, no hotel, com saco de gêlo na cabeça.

Os ensaios da companhia estão bastante adiantados, sòmente a figurinha difícil de Reynaldo não aparece. Enquanto isso, Abaão antevê a sua ruína, por que os músicos e as coristas estão sendo pagos por hora de trabalho. Abraão esbraveja e diz palavrões que ninguém entende; êle fala ideche.

Chega o «Noivo da América» e critica a publicidade, o teatro, as coristas foram, inteiramente recusadas pelo cantor, como falsas e inexpressivas. Era uma bomba para Abraão, como fazer, então? Dentro de seu egoísmo exagerado Reynaldo resolve mandar sua «secretária» dançar, uma vez, para mostrar o que é verdadeiramente, uma dança afro-cubana.

Blanquita sobe ao palco e dança, mas com tal desenvoltura e graça que entusiasma a todos os presentes e contagia até os músicos. Abraão diz: aquilo é uma atração; a mulher parece uma «batedeira» de coquetel; é uma «pilha elétrica».

Os empresários... alucinados com o «gingado» da «secretária» pedem ao seu «patrão» que a deixe dançar, o que é negado por êste... Mas, sem saber de tal resolução e, devido à insistência de Tito, Blanquita acaba cedendo. Em represália é repelida com a dispensa de seus serviços de «secretária», isto representa a separação do casal. A «coqueluche» da capital portenha, seria sem dúvida «a cubana» que parecia uma «pilha elétrica».

Quando de regresso ao hotel, Blanquita recebe, com surprêsa, sua bagagem e a proibição, de procurar ou ir ao quarto de Juanito. Desolada com o sucedido, sai a procura de novo pouso, quando é encontrada por Tito... Êste ao vê-la exclama surpreendido: — «Que tem! Dínamo humano, está em curto circuito?» E prometendo-lhe a glória e o estrelato, leva-a para outro luxuoso hotel...

Chega o dia da estréia. O teatro superlotado aplaude entusiàsticamente à Blanquita Arenas, quanto ao «Noivo da América», que fracasso!... Começa a revista, e ela aparece cantando e rumbando «E a Rumba». Após êste número, Juanito nega-se a representar, o que faz acompanhado por Laura... Com êste número termina a revista sob as mais estrondosas vibrações de entusiasmo por parte do público. Diversos espectadores vão comprimentá-la, e aos diretores, que pela nova descoberta recebem grandes manifestações, sobressaindo-se um que disse: — «Parabéns, a cubana é um «bocato cardinale!» Êste sucesso era o triunfo da artista e a solução dos problemas de Abraão.

Com a separação do casal e o sucesso da «cubana», surgem versões, quanto ao comportamento de Blanquita. Ela estaria namorando a três milionários... Mas, tudo isto surgiu por causa da gabolice de Tito. Êste chega a declarar, na barbearia, onde se encontrava Juanito: — «Sou macaco velho, e estou acostumado... mas romance como estou vivendo, nem no rádio-teatro!» Ora, tal declaração aumentara a indignação de Juanito que regressa ao seu camarim, justamente em frente ao de Blanquita, sem saber

(Cont. na pág. 30)



CINE MUNDIAL

Êste dramático estudo de luzes e sombras pelo fotógrafo Ray Nolan, tirada em Nevada durante a filmagem de «Sixty Saddles for Gobi», ganhou o primeiro prêmio no Concurso de Laguna Beach Still. A companhia cinematográfica Fox filmou esta história dos observadores da Marinha no Deserto de Gobi durante a II grande guerra.

ESTADOS UNIDOS

Possìvelmente Alice Faye voltará às telas interpretando um papel de relêvo, no filme de Irving Berlin, «There's no business like Show business». O último filme de Miss Faye foi «Anjo ou Demônio», em 1946.

★

«River of the Sun» é o título do filme que a Columbia realizará no Brasil. Para as seqüências «on location» dessa película virão famosos astros e estrêlas de Hollywood.

★

Num concurso realizado em Atlanta, para eleger a «sulista mais importante dêstes últimos anos», Dinah Shore bateu a autora de «...E o vento levou», Margareth Mitchell, por mais de dois mil votos.

★

John Payne, Jan Sterling e Lyle Bettger já estão prontos e preparados para atuar diante das cameras no tecnicolor intitulado «The Rebel», sob a direção de Eward Lufwig.

★

A última novidade em Hollywood é o corte de cabelo igual ao de Jerry Lewis. A rapaziada melhorou muito com a franjinha...

★

James Mason filmará na Alemanha «Susan in Berlin», sob a direção de Carol Reed. A última vez em que o diretor e o artista britânico trabalharam juntos foi no filme «Condenado» (Odd Man Out). Mason fará em «Susan in Berlin» o papel de um contrabandista de material bélico através das fronteiras russas.

★

Logo que seja resolvida definitivamente a questão matrimonial de Rita Hayworth e Aly Khan, a estrêla se apresentará aos estúdios da Columbia para iniciar a protagonização de «Saddie Thompson».

ITÁLIA

Anuncia-se em Roma que, a qualquer momento, poderá ser confirmada a notícia da conversão ao Catolicismo da atriz sueca Ingrid Bergman.

★

O diretor italiano Leonardo Cortese iniciará a filmagem, ainda êste ano, da sua segunda película que terá como argumento a vida dos trabalhadores italianos nas minas da Inglaterra. O filme intitular-se-á «Dieci uomini bruni» (Dez Homens Morenos).

★

Gina Lollobrigida recusou-se a filmar «A Dama das Camélias», depois de longa polêmica com o diretor Antuonini. Em abono de sua decisão, a atriz italiana alega que o «script» do filme encerra referências injuriosas a diversas personalidades do mundo cinematográfico atual, ela inclusive. Com o caso nos tribunais, Gina está ameaçada de indenizar com um milhão de liras à companhia produtora, por infração de contrato. Quando soube dessa exigência, disse a estrêla: «por que êles não me pedem logo para financiar o filme?»

★

Contra os diretores neo-realistas, que empregam em seus filmes atores não profissionais, acaba de ser fundada em Roma uma associação integrada por Aldo Fabrizi, Anna Magnani, Totó, Amedeo Nazzari e outros famosos artistas peninsulares, visando combater o abuso de filmes interpretados por elementos encontrados nas ruas...

FRANÇA

Visitada por um fotógrafo num «set» de filmagem, Edwiges Feulliére apareceu com a «maquillage» feita apenas de um lado do rosto. Querendo o fotógrafo saber a razão daquela excentricidade, Edwiges respondeu que iria aparecer na cena apenas de perfil, não havendo necessidade de pintar a outra metade...



Hedy Lamarr visita o seu amigo Bob Hope na Paramount, antes do comediante mergulhar como escafandrista no filme «Road to Bali», com B. Crosby e Dorothy Lamour.





(BAGARRES)

PERSONAGENS e INTÉRPRETES

Carmelle	MARIA CASARES
Antônio	ROGER PIGAUT
Baptiste	JEAN MURAT
Rabasse	JEAN BROCHARD
Martha	ORANE DEMAZIS
Giuseppe	DELMONT
Gino	JEAN VINCI
Angelin	MOULOUDJI
Jacques	J. C. MALOUVIER
O Pastor	JEAN VILAR
O Tabelião	LEMONTIER
A Filha do Tabelião	CLAIRE GUIBERT
O Fazendeiro	HENRI POUPON
A espôsa do Tabelião	PIERRETTE CAILLOL

Baseado num romance de Jean Proal — Dirigido por Henri Calef — Da Art Filmes

Cine-romance

SEDUTORA SELVAGEM

Ao pé do Velho Monte Ventoux (França) há um vale com uma pedreira e é neste cenário bravio que fica localizada uma fazenda miserável habitada por Carmelle, uma linda jovem de 28 anos, e seu irmão Angelin, um rapaz sórdido, vagabundo e tarado possuidor de um coração de pedra. Carmelle ama a um jovem provinciano e Angelin que tem grande ciúme da irmã procura espicaçar os nervos da pequena, vingando-se assim. Carmelle é tão infeliz que nem mesmo seu grande amor tem fôrças para defendê-la contra o irmão. Jacques, êste é o nome do jovem provinciano, também é um rapaz de muito pouca moral e nenhum escrúpulo. Sua intenção é fazer vibrar o amor no coração da pequena para mais tarde atirá-la aos braços de um velho solteirão que habita numa magestosa fazenda dos arredores, o sr. Rabasse. Certo dia consegue fazer com que Carmelle aceite um emprêgo em casa do sr. Rabasse e combinam uma trapaça para que o velho lhe passe tôdas as propriedades. Agora com uma senhora da mais alta estima, dona da mais importante propriedade, Carmelle começa a ser olhada com um pouco de suspeita, porém nada lhe interessava, sabia que seguia os planos do bem amado. Certo dia, descobre seu amado Jacques nos braços de uma outra. Com esta suprema humilhação, a pequena que já era um tanto selvagem envergonha-se de si mesmo e cria um enorme desengano pelos homens tornando-se uma mulher perigosa no amor. Jura vingança aos homens e neste mesmo dia entrega-se a Rabasse com um estranho prazer. Agora, vivendo escancaradamente em companhia do velho, Carmelle faz em sua companhia passeios e caçadas. Numa dessas manhãs, Rabasse que sofre do coração, não está disposto e fica em casa quando Carmelle saiu a caça de javalis. O irmão da jovem, o tremendo Angelin, ronda sua fazenda como um abutre negro a procura de uma vitima. Vendo Carmelle saindo só, segue-lhe os passos tendo certeza de que a jovem ia ao encontro de um amor. De fato surpreende sua irmã em romântica palestra com o jovem Antônio, um brioso rapaz. Corre a casa e conta a Rabasse que sua mulher se encontrava naquele instante nos braços de outro homem. O velho arma-se para sair, porém é vitimado de um colapso e fica estirado no chão. Quando Carmelle volta já o encontra morto. Agora é ela ùnicamente a senhora daquelas propriedades. Ao lado de sua fazenda residem Giuseppe, um velho amigo do seu finado marido, seu filho Gino e Martha, mãe de Gino. Do outro lado reside Antônio. Os vizinhos estão apaixonados pela fascinante viúva. A noite, ela recebe a visita de Antônio. Gino também viera com a mesma intenção, mas sabendo que Antônio havia chegado antes fica espreitando. Mais tarde quando Antônio está de saída trava tremenda batalha, porém, só consegue levar uma grande surra. A briga é assistida por Giuseppe que, ao que parece está até satisfeito pois sabe que seu próprio filho será seu rival em amor. Na noite seguinte Antônio volta a visitar Carmelle. Giuseppe cada vez mais alucinado entra na casa dizendo que se Carmelle consegue amar os outros também poderá amá-lo. Antônio, que

(Cont. na pág. 34)





HOLLYWOOD BOULEVARD

POR DULCE DAMASCENO BRITO

(Correspondente de A CENA em Hollywood)

O que se diz e o que se ouve na Meca do Cinema

Judy Garland deu à luz u'a menina, tendo sofrido operação cesariana pelo dr. Dan Morton, professor da Universidade da Califórnia. Judy, que já foi casada duas vêzes anteriormente — com o compositor Dave Rose e com o diretor Vincente Minelli — tem uma filhinha de 6 anos, Liza, do último marido. Contando, atualmente 29 anos de idade, Judy casou-se no dia 8 de junho último com o seu agente Sid Luft, ex-marido de Lynn Bari. Êste acaba de assinar um contrato para produzir diversos filmes na Warner Bros, entre êles uma nova versão de «Nasce uma Estrêla» — a célebre película de Fredric March e Janet Gaynor — que terá Judy como atriz principal. Há dois anos atrás, Judy estêve às portas da morte, ao tentar suicidar-se devido ao declínio da sua carreira na Metro, mas foi Luft quem lhe inspirou nova confiança em si própria, fazendo-a voltar ao palco em atos de variedades que registraram enorme êxito em Londres, Nova York, Los Angeles e São Francisco.

★

Virginia Mayo sofreu terrivelmente quando teve que esbofetear Allan Ladd para uma cena de «The Iron Mistress». «Allan é uma das pessoas mais bondosas que já conheci», — declarou a bela lourinha, — «e, no entanto, lá estava eu, das 10 da manhã ao meio-dia; esbofeteando-o com tôdas as minhas fôrças! E, o que me fazia sentir ainda pior, é que Allan ainda dizia: NÃO TENHA MÊDO DE ME MACHUCAR, VIRGINIA. PODE BATER COM MAIS FÔRÇA!» Resultado: até que o diretor Gordon Douglas se considerasse satisfeito com os ensaios e diversas tomadas da cena, ao cabo da filmagem Virginia já havia esbofeteado Ladd dezesseis vêzes! «Isso me partiu o coração», — disse a «estrêla». — «Mas, da próxima vez em que trabalhar com Allan, espero que coloquem no «script» alguma cena em que ÊLE tenha que me esbofetear, a fim de ficarmos quites»

★

Lembram-se do cantor juvenil Bobby Breen, que tanto sucesso fêz no cinema entre 1936 e 1940? Pois êle acaba de casar-se com Jocelyn Lesh, modêlo de New York, tendo partido para Miami em lua-de-mel. Os fãs brasileiros, que se lembram de Bobby ainda como uma criança, ficariam surpresos com o belo rapagão em que êle se transformou.



Joan Crawford não é admirada apenas pelos adultos. A prova está no imenso público-mirim que a foi receber na estação de São Francisco, quando a veterana «estrêla» desembarcou naquela cidade



No seu camarim da Metro, Jane Powell mostra a Farley Granger as últimas fotografias do seu filhinho Geary Steffan II, de um ano. A «estrelinha» deu à luz u'a menina, Suzanne Irene, logo após terminar a filmagem de «Small Town Girl», que fêz com Farley

Na «preview» de «O'Henry's Full House», na Fox, a artista que ganhou mais palmas quando apareceu na tela foi Marilyn Monroe, apesar da sua parte constar de apenas UMA cena! Os demais atores da película são: Charles Laughton, David Wayne, Richard Widmark, Dale Robertson, Anne Baxter, Jean Peters, Fred Allen, Oscar Levand, Jeanne Crain e Farley Granger. O filme consta de cinco episódios diferentes e, a despeito de todo o entusiástico aplauso a Marilyn Monroe, a melhor história é «A Última Fôlha», em que aparecem Anne Baxter, Jean Peters e Gregory Ratoff. Miss Peters surpreendeu a audiência com a sua notável interpretação.

★

Em recente entrevista a «A Cena», a «estrêla» Rhonda Fleming manifestou desejos de se tornar cantora. Pois bem: a «Columbia Record» acaba de convidá-la para gravar a opereta «Oklahoma», com o barítono Nelson Eddy. Tudo depende, agora, da autorização da Paramount, onde Rhonda está sob contrato.

★

O produtor Sam Zimbalist, da Metro, está pensando em realizar «All Roads Lead to Rome», na Itália, com Ava Gardner e Kirk Douglas, como os sensacionais e românticos da história. Gottfried Reinhardt será o diretor.

★

Em «The Golden Blade» — o filme que Farley Granger recusou-se a fazer na Universal — todos os beijos e cenas de amor terão lugar num sofá, pois o galã Rock Hudson tem 1,97 de altura e, a «estrelinha» Piper Laurie, apenas 1,56, de modo que seria difícil para os lábios se encontrarem se êles estivessem de pé...

★

O produtor Jerry Wald, mal entrou para a Columbia, já está se movimentando com grandes planos para a «estrêla» número um daquela companhia: Rita Hayworth. Após «Miss Sadie Thompson», a versão musical de «Chuva», êle planeja filmar com Rita a revista que é, atualmente, um sucesso na Broadway: «Pal Joye». Para galã da mesma, Wald tentará conseguir o bailarino Gene Kelly, que já trabalhou com «Gilda» em «Modelos». Lembram-se?

★

Jane Powell, a loura «estrelinha» da Metro, acaba de dar à luz uma robusta menina, que recebeu o nome de Suzanne Irene. — Jane — que é casada com o agente de seguros Gary Steffan (ex-companheiro de patinação de Sonja Henie) — já tem um filhinho de um ano, Gary Steffan II. Assim que estiver novamente «em forma», Miss Powell aceitará a proposta para uma atuação de três semanas no «night-club» «Copabacana», em New York.

★

O filme «Monsoon», em que estréia a belíssima alemã Ursula Theiss, está sendo retido pelo «Johnston Office» porque numa das cenas a nova «estrêla» da RKO aparece nadando completamente despida. E a película é em tecnicolor...



Cine-romance

"RASHOMON"

Produção Daiei baseada na novela "Na Floresta", de Ryuonosuke Akutagana — Produção de Jingo Minoura — Direção de Akira Kurosawa — Fotografia de Kasuo Mayagawa — Música de Takashi Matsuyama — Distribuição da R.K.O. Pictures.

ELENCO:

Tajomaru, o bandido	TOSHIRO MIFUNE
A Mulher	MACHIKO KYO
O Homem	MASAYUKI MORI
O Vendedor de Lenha	TAKASHI SHIMURA
O Sacerdote	MINORU CHIAKI
O Médium	FUMIKO HOMMA
O Policia	DAISUKE KATO

Na cidade de Kioto, há uns 1.200 anos atrás, quando a velha capital quase ficou arruinada pelas constantes guerras civis e pela fome, três homens se encontram, num templo abandonado abrigando-se ali de um violento temporal. Eram um lenhador, um sacerdote e um ladrão. O lenhador fôra testemunha de um crime ocorrido há algum tempo e mesmo assistindo ao processo não conseguira decifrar a verdade. Êle próprio não dissera a verdade. Então os dois companheiros ocasionais se acercam dêle procurando ouvir a verdadeira versão da tragédia. Um jovem e rico samurai é abordado numa floresta por um famigerado bandido durante uma viagem em companhia da espôsa. O bandido subjuga e mata o marido, apoderando-se da mulher.







Quatro versões são apresentadas para explicar o delito: a do lenhador, testemunha ocasional, a do bandido, a da mulher e a do marido chamado a depor por intermédio de um médium. Onde estará a verdade?

Do ponto de vista do bandido, foi êle de fato que, impelido por uma súbita paixão pela mulher, trucidou o samurai sem desconhecer sua bravura e coragem durante o duelo.

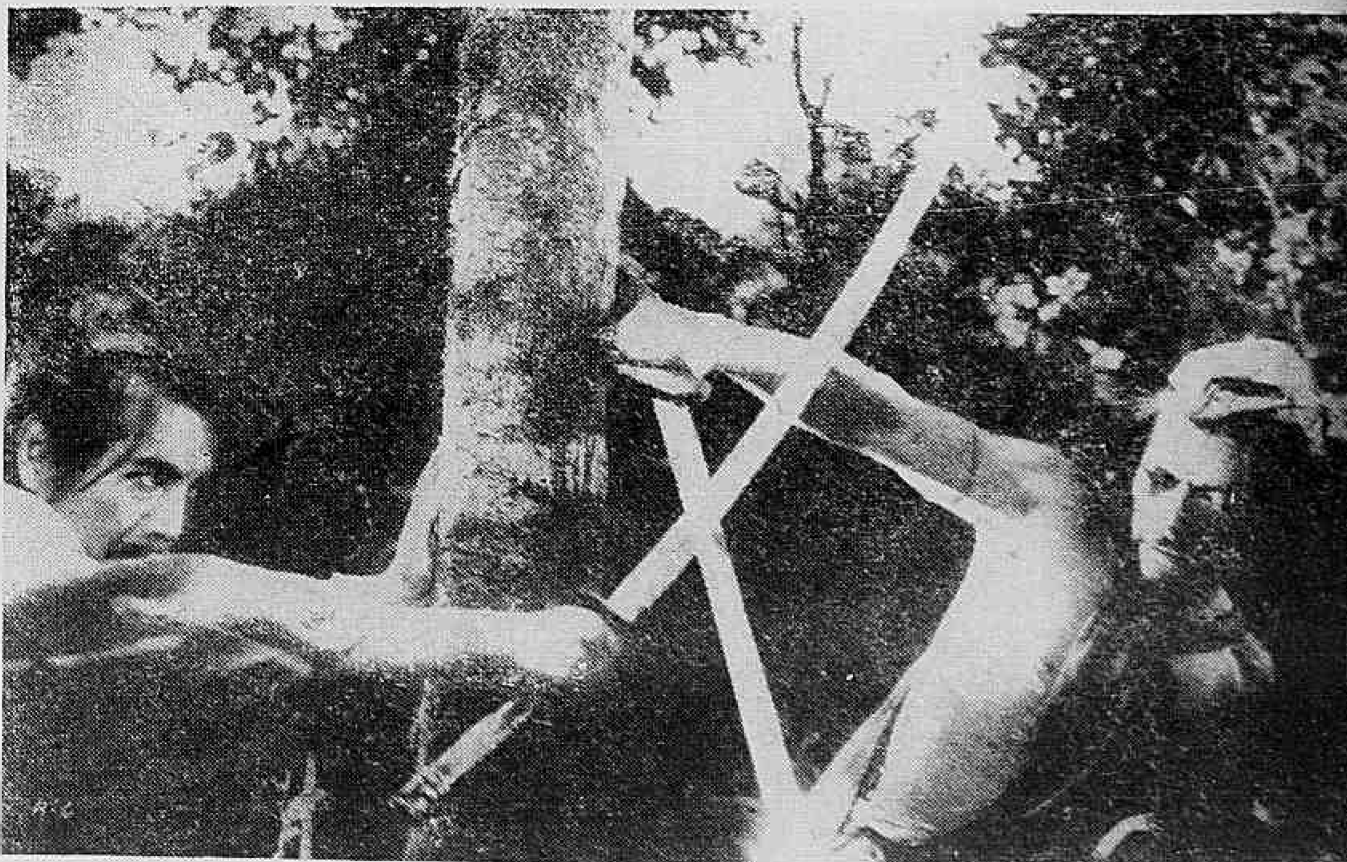
Outra é a história que narra a mulher, ela própria apunhaladora do marido quando sentiu o horror dos olhares de cólera e escárnio que êle lhe dirigira quando ela estava nos braços do bandido.

A terceira versão é a do marido que, do além, explica ter sido levado ao suicídio diante da desonra irreparável que lhe causou a infidelidade da espôsa. Para ela o que interessava era que um dos dois tivesse que morrer, não importava saber se êle ou o bandido.



A narração do lenhador se transmite ao sacerdote com imensa persuasão, a ponto de deixá-lo vacilante em sua fé diante da monstruosidade dos homens, em tôrno dos quais só existe egoismo e violência e, sobretudo, a pusilanimidade que os impede de dizer a verdade até mesmo a si próprios. Neste ponto das melancólicas meditações dos três homens, ouvem-se os vagidos de um recém-nascido. Para êle corre o ladrão pensando encontrar em suas roupinhas algum objeto de valor, suscitando as reprovações do lenhador. Mas o ladrão, por sua vez, censurando a falta de sinceridade do lenhador no processo do homicídio do samurai, responde-lhe: "Por que queres impor honestidade a mim, se tu não foste honesto?" Atira-lhe na face uma gargalhada cínica e procura fugir com a criança. O sacerdote intervém tomando-lhe a criancinha. Chega o lenhador e diz: "Dá-me que levo para minha casa; minha mulher tem seis filhos e não lhe será difícil alimentar o sétimo..."

Diante de tanta prodigalidade de espírito, o sacerdote se reconcilia repentinamente com a humanidade, tomado de um sentimento de fé e de esperança. Os céus para premiar aquêle estado de espírito fazem parar o temporal. E os três homens, na bonança, se separam e tomam os seus destinos...





«Crepúsculo dos Deuses» (Sunset Boulevard), com Gloria Swanson, foi o filme que o consagrou como um dos maiores atores de Hollywood



←

William Holden mostra as fotografias em terceira dimensão que tirou de seus filhos ao ator Paul Douglas e à «estrêla» Ginger Rogers, seus companheiros em «Forever Female»

→

Cabelos escuros, olhos azuis e físico atlético, Holden possui todos os atributos de um belo rapaz, mas recusou-se a fazer apenas papéis de «mocinho» e a prova está em que tem «morrido» na maioria dos seus filmes...

Nenhum ator tem trabalhado tanto por Hollywood e, no entanto, recebido tão pouca publicidade, como é o caso de William Holden. Raramente aparecem nas revistas americanas histórias sôbre o simpático «astro», mesmo porque êle não pôssui excentricidade alguma para ser exposto como raridade perante o público. E' um homem comum — de hábitos normais — e não fornece assunto às **mexeriqueiras profissionais** da Meca do Cinema, mas, nem por isso, merece menos conceito na preferência dos fãs. Provam-no as centenas de cartas que semanalmente chegam à Paramount, procedentes de tôdas as partes do mundo. Ademais, é êle um dos favoritos da crítica, pois suas «performances» são sempre as mais brilhantes. Na vida real, Bill Holden é um batalhador em prol do cinema. Desde 1945, que vem sendo re-eleito vice-presidente do «Screen Actors Guild», a associação de classe dos atores de Hollywood. Ao lado de seus colegas Ronald Reagan, Robert Montgomery e Gene Kelly, o incansável Holden vem trabalhando com afinco no «Guild», a fim de conseguir bons papéis nos estúdios para os seus milhares de associados. Além disso — que lhe toma boa parte do tempo, sem lhe render salário algum — Holden ainda é membro do «Motion Pictures Industry Council» (órgão industrial da classe cinematográfica e do «Permanent Charities Committee» (comissão permanente de caridade), a qual se encarrega de «shows» e aparições pessoais dos artistas de Hollywood em hospitais ou espetáculos beneficentes. O prestígio de Bill Holden nos estúdios é, pois, enorme. Êle poderia ter o

O
O

EIS C
★ NÃ
PERIO
SOFO.

melhor contrato
panhia da cidade,
lhe permite tirar
— Continuarei
para a Paramount
das nos meus serv
de «A CENA» que
seu novo filme «
Rogers e Paul D
que o seu senso
dois estúdios dev
lumbia que o «d
lhe deu as suas
nema. Efetivamen
sentado como o
de Duas Almas
Stanwick, o jove
uma verdadeira s
da noite para o d
do belo rapaz de c

“SCRIPT” PÕE E ... DESTINO DISPÕE...

...MO WILLIAM HOLDEN ENCARA A CARREIRA DE ATOR ... QUIS SER UM RAPAZ BONITO... ★ UM PAPEL SU-...ÃO DE "CREPÚSCULO DOS DEUSES" ★ CULTO E FILÓ-..., AINDA NÃO DESCOBRIU POR QUE MOTIVO É FELIZ...

Reportagem de DULCE DAMASCENO DE BRITO
(Correspondente de A CENA em Hollywood)



O trio vitorioso de «Crepúsculo» — Holden, Swanson e Billy Wilder — reune-se novamente no «set» de «Stalag 17», que o «astro» considera o seu melhor papel no cinema. Gloria não aparece neste filme — apenas foi visitar seus dois grandes amigos



Após um longo «papo» com nossa correspondente em Hollywood, o simpático William Holden sorri para a objetiva de «A CENA», que o foi surpreender no «set» de «Forever Female», o novo filme que está fazendo na Paramount com Ginger Rogers e Paul Douglas



...muns... com qualquer com-...mas seu senso de direito não ...vantagens da situação.
...balhando para a Columbia e ...enquanto estiverem interessa-...dos, — diz Holden à repórter ...e o foi entrevistar no «set» do ...Forever Female», com Ginger ...Douglas. O «astro» explica-nos ...de lealdade para com aquêles ...-se ao fato de ter sido a Co-...descobri-lo e a Paramount que ...melhores oportunidades no ci-...t, em 1938, quando foi apre-...boxeur-violinista de «Conflito ...(Golden Boy), com Barbara ...William Holden constituiu ...sensação, alcançando o estrelato ...As fãs ficaram malucas pe-...cabelos encaracolados, mas, assim que teve uma oportunidade, êle alisou os cachos e tornou-se um dos melhores atores do cinema. Uma coisa nada tem a ver com a outra... a não ser quando o «astro» se preocupa em não se estandardizar como **apenas um rapaz bonito**. Holden preferiu o aplauso da crítica ao desmaio das fãs... mas, nem por isso, evitou de ser um dos favoritos do grande público. Quando veio para Hollywood, contava a seu favor com apenas uma peça de amadores representada na «Pasadena Playrouse», pois seus pai queria que êle seguisse a carreira de químico, como a maioria dos homens da família Beedle (seu verdadeiro nome). Assim, pois, sem estudos de arte dramática a seu favor ou a menor gôta de sangue artístico nas veias, Bill resolveu aproveitar o próprio ambiente hollywoodiano para aprimorar o seu talento natural. Os filmes foram, pois, a sua escola. Antes da guerra, êle provou a sua versa-

(Cont. na pág. 34)

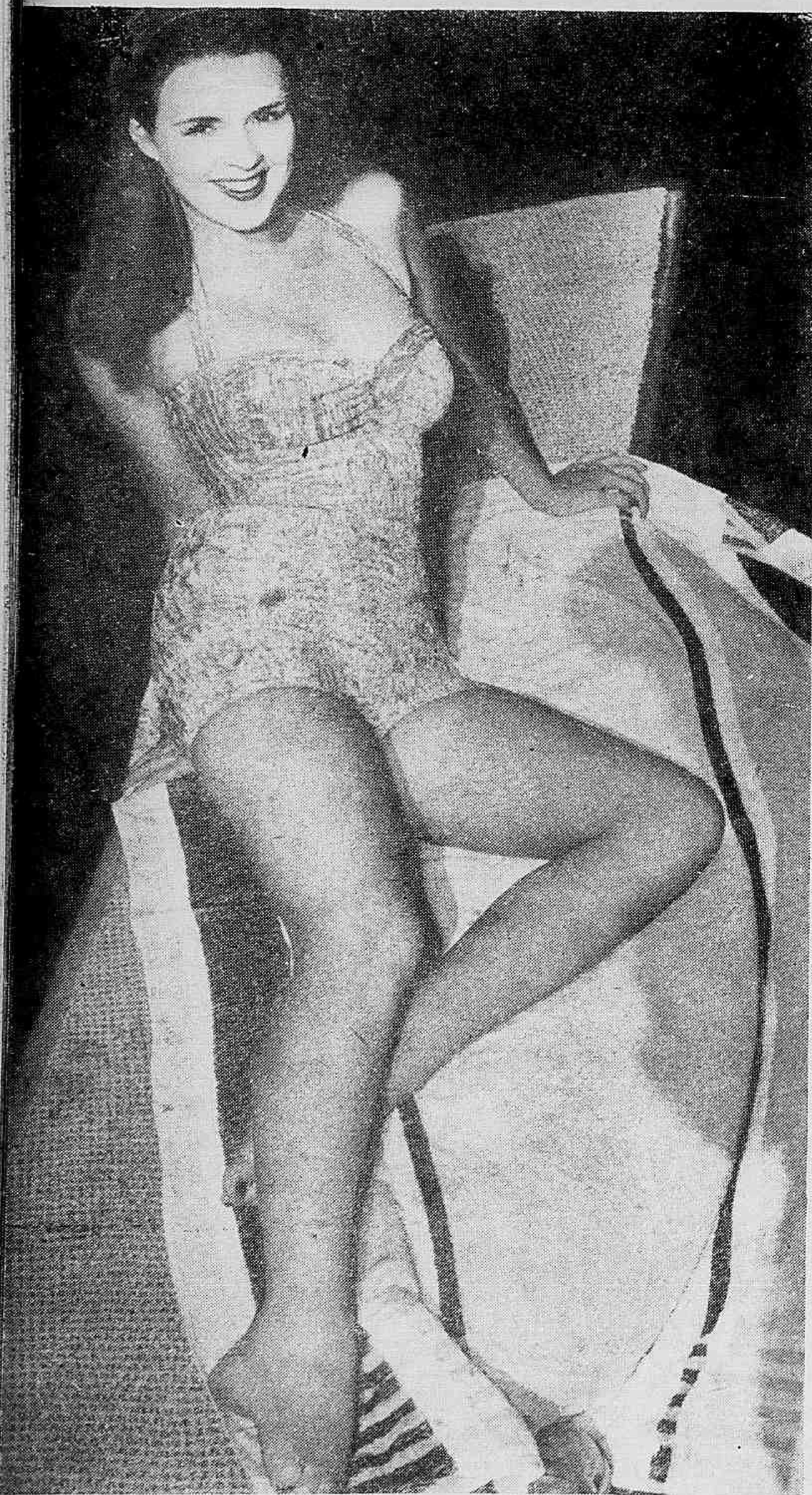
o fã pergunta: "A CENA" responde

ERNESTINA RIBEIRO (Tauru) — «... gostaria de saber algo sôbre Freddie Bartholomew».

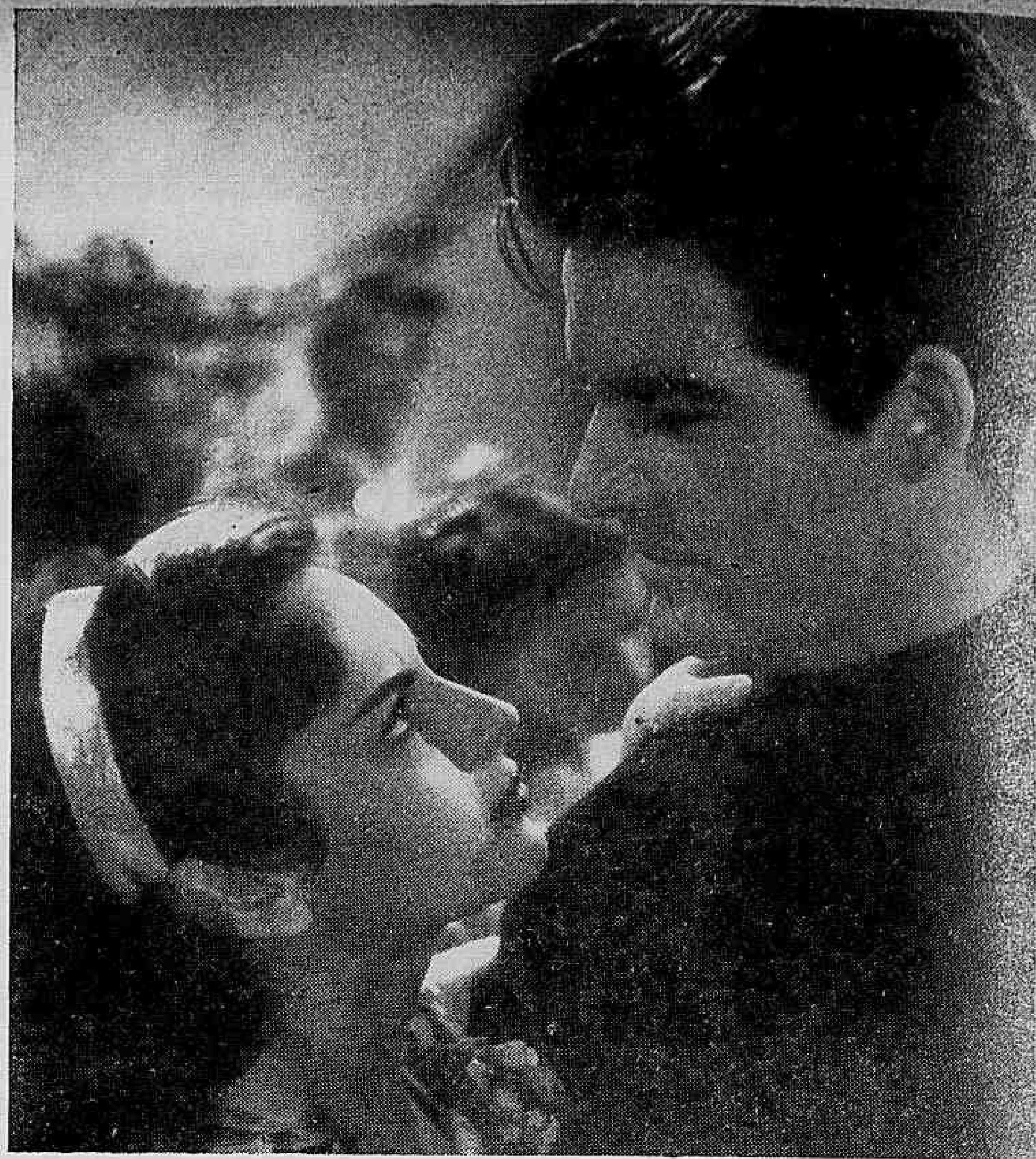
R — Pelo fato de estar retirado do cinema, as notícias sôbre êsse artista se tornam cada vez mais raras. Freddie nasceu em Londres no ano de 1922. Depois de Shirley Temple foi êle o ator infantil de maior popularidade até hoje. Trabalhou em diversos filmes rodados nos Estados Unidos e na Inglaterra, sendo os mais importantes: «Raptado», «David Copperfield», «Marujo Intrépido», «Lóides de Londres» e «Anna Karenina». Não temos seu endereço.

JOSÉ PINTO FILHO (Distrito Federal) — «... quem é Zsa Zsa Gabor?»

R — a) Zsa Zsa Gabor é uma atriz húngara que trabalha atualmente em Hollywood e na Televisão americana. E' casada com George Sanders e tem se notabilizado por sua beleza, seu exibicionismo e pela rivalidade que (Cont. na pág. 30)



A gostosa Mala Powers, da pergunta de Aldo Morel, de Marília



Fernando Pereira, em «Hóspede de Uma Noite»

Cine-Crítica do LEITOR

DOIS FILMES NACIONAIS

«Hóspede de uma noite» — Cada novo filme nacional anunciado é um sinônimo de esperança: conjetura-se, imagina-se e, invariàvelmente, espera-se muita coisa, que sem otimismo nada é conseguido. Por vêzes, essa esperança redunda em decepção, como aconteceu com aquela colcha de retalhos (mal alinhavados) inexpressivamente batizada de «Maria da Praia». Em alguns casos, concretiza-se, como em «Caminhos do Sul» e «Terra é Sempre Terra»; e mesmo, algumas vêzes chega a superar-se, isso embora mais raramente: aconteceu com «Caiçara», «A Sombra da Outra», e poucos mais.

«Hóspede de uma noite» não poderá ser incluído em nenhuma dessas três categorias. Não chega a ser um bom filme, prejudicado como é pelo argumento cheio de lugares comuns; mas há nêle muita coisa elogiável, livrando-o do fracasso completo. Antes de mais nada, «Hóspede de uma noite» representa um triunfo pessoal para seus dois intérpretes principais, Fernando Pereira e Iracema de Brito. Ambos são principiantes, e ambos revelaram talento; Iracema de Brito, entretanto, teve melhores oportunidades. No duplo papel de ingênua e perdida, apresenta um desempenho bastante satisfatório, com ligeiras imperfeições desculpáveis pela sua inexperiência; seu trabalho como mulher má, proporcionando-lhe melhores chances, é também aquêle em que brilha mais. Entretanto, o que há de mais elogiável é o modo por que soube observar as nuanças que caracterizam os dois tipos diferentes que personificou.

Fernando Pereira poderá ser um dos melhores atores brasileiros; provou isso com o que fêz num papel sem grandes oportunidades como o que teve em «Hóspede de uma noite». E' um ator sóbrio, que, com mais experiência, ainda fará muita coisa; só depende dos papéis que obtiver.

Quanto ao filme, em si, embora não tenha grande valor, consegue agradar. Realizado sem grandes pretensões, tem muita coisa acertada, como o bom aproveitamento do elenco pela direção: os tipos estão bem delineados e as interpretações satisfazem. Mas há também muita coisa ruim, tais como o diálogo pouco natural, e, sobretudo, o argumento cheio de pontos fracos e situações nada convincentes. Seu mérito principal é, pois, a apresentação de artistas novos e talentosos.

Fernando Pereira e Iracema de Brito precisam continuar.

«Areião» — O néo-realismo italiano nada perdeu de sua intensidade, ao ser transportado para o cinema brasileiro. Sofreu, é claro, as necessárias adaptações; mas sua estrutura permanece a mesma. «Areião» mostra isso: história brasileira, atores brasileiros, ambiente brasileiro e, todo o tempo, o «toque» italiano a que nos acostumaram as produções da Península. A dramaticidade de certas seqüências o sensualismo de outras, o poder descritivo de certos detalhes, tudo nos evoca certos filmes italianos; e, a par, vem o elemento brasileiro que, é forçoso dizer, foi usado com inteligência. Do elenco, sobressai Maria Della Costa, relembrando uma personagem de Cocteau, com aquêle seu jeito de poesia perdida; foi, até o momento, seu melhor papel e, com o treino que lhe deu o teatro, Maria dominou-o com segurança. Sua interpretação sem falhas e sua beleza marcam o filme de modo inconfundível.

A parte masculina conta com nomes como o de Mário Ferrari, Orlando Vilar e Carlos Cotrim. O primeiro apresenta um trabalho limpo e capaz, no engenheiro Gustavo; Orlando Vilar é o galã, e confirma, num papel relativamente fácil, suas atuações em «Presença de Anita» e «Suzana e o Presidente». Carlos Cotrim continua melhorando de filme para filme, embora um pouco estandardizado.

Destaca-se ainda a música de Enrico Simonetti. Bonita e descritiva, não consegue, entretanto, enquadrar-se na narrativa; sua própria beleza a prejudica, fazendo que, em determinadas ocasiões, se torne mais importante do que a imagem.

Com seus poucos defeitos, «Areião» é dos filmes mais importantes e representativos do cinema nacional; merece ser visto, quando mais não fôsse pela presença de Maria Della Costa, que conserva na tela o mesmo encanto que tem no palco.

F. MOREIRA — São Luís, novembro — 52.

Rádio Cena

CARMÉLIA ALVES
A RAINHA DO BAIÃO





NA DISCOTECA da Nacional admirando um monte de gravações suas. Quanta coisa boa você já perpetuou na cêre, hein Carmélia?



OS SÚDITOS da «Rainha do baião» são ricos e pobres, velhos e moços. Ela atende a todos com o maior carinho

CARMÉLIA ALVES NÃO QUIS IR À TERRA DOS FARAÓS

O MAIOR DESEJO DA POPULAR CANTORA E' TER UM FILHO — COMEÇOU VENCENDO UM PROGRAMA DE CALOUROS — UM DIA INESQUECÍVEL NA EXISTÊNCIA DA "RAINHA DO BAIÃO" — E O CARNAVAL? — CARMÉLIA ESPERA BRILHAR NÊLE, TAMBÉM

Reportagem de M. CORRÊA — Fotos de ALEXANDRE MIRANDA

Passamos a acompanhar a trajetória de Carmélia Alves no mundo da arte quando, há alguns anos atrás, seu irmão Alves Nogueira, nosso companheiro de trabalho numa repartição pública, afirmou-nos:

— Tenho uma irmã que parece ir longe. Ela canta como a Carmem Miranda.

Depois de notar em nossa fisionomia o interêsse despertado pela sua afirmativa, aquêle excelente colega — por onde andará êle? — acrescentou:

— Aconselhei-a a inscrever-se num programa de calouros. Assim, quem sabe?, ela é capaz de conseguir qualquer coisa no rádio.

Voltamos às nossas funções burocráticas e esquecemos o assunto. Dias depois, entretanto, vendendo euforia, com os olhos brilhando de contentamento, o nosso bom amigo Alves Nogueira voltou a falar de sua irmã:

— Eu não lhe dizia, Milton? Ela venceu em tôda a linha, abiscoitando o prêmio maior do programa «Calouros em desfile».

Em seguida, dando vasas ao seu entusiasmo, contou, tim-tim-por-tim-tim os elogios que o carrancudo Ari Barroso havia feito aos dotes vocais de sua irmã, augurando-lhe um brilhante futuro na radiofonia guanabarina. Desde então, contagiados que fomos pelo entusiasmo do nosso colega de repartição, acompanhamos passo a passo a carreira por todos os títulos notável de Carmélia Alves.

DISPUTADA NO INÍCIO DA CARREIRA

Recordamos êsse episódio a Carmélia. Ela, então, aproveita a chance para declarar:

— O Manoel foi o meu grande incentivador. De fato, no princípio de minha carreira, imitava essa esplêndida vocalista que é Carmem Miranda. Com o decorrer do tempo, entretanto, libertei-me da influência que o estilo da «pequena notável» — era assim que o César Ladeira a chamava, lembra-se? — exercia sôbre mim. Hoje em dia, felizmente, tenho o meu estilo próprio.

Concordamos e Jimmy Lester, espôso da fulgurante «estrêla» da Nacional, fêz côro conosco.

— Qual foi a grande emoção de sua carreira, Carmélia? — perguntamos, em seguida.

— Como é natural e lógico, tive inúmeras emoções em minha carreira. Destaco duas, entretanto, que classifico as maiores. A primeira eu a tive há 12 anos atrás, precisamente em 1940, quando, após vencer o programa «Calouros em desfile», ingressei no «Picolino», de Barbosa Júnior, na Rádio Nacional, percebendo trezentos cruzeiros mensais para cantar três vêzes por semana. Nessa época, aproveitei o ensejo para cantar no «Programa Casé». Ao saber que eu atendera ao convite de Edmar Machado, o velho e bondoso «Barbosa das beijocas», bem como alguns dirigentes da PRE-8, puseram a bôca no mundo, dizendo que eu só poderia cantar na estação da Praça Mauá, já que, na opinião dêles, era cria de lá. Dessa forma, impuseram-me uma condição: só poderia eu ingressar na Mayrink após cumprir um contrato de três meses com a Nacional. Isso, pois, o que aconteceu. Assim, disputada por duas grandes emissoras nos primórdios de minha carreira, tive a minha primeira grande emoção.

— E a outra?

— Sucedeu ao tempo da última guerra, quando cantei para mais de 5.000 marinheiros americanos, na capital baiana. Pode parecer exagêro, mas, ao terminar o espetáculo, fui entusiàsticamente aplaudida e carregada pelos alegres sobrinhos de Tio. «Seu» Milton, êsse dia é inesquesível para mim.

NÃO QUIS IR AO EGITO

Como se sabe, por fôrça dos seus dotes artísticos e do êxito espetacular alcançado pelas suas inúmeras gravações (embora só tenha começado a gravar em 1949), Carmélia Alves é uma das cantoras mais requestadas do rádio carioca. Volta e meia ela recebe convites para atuar nos mais distantes pontos do Brasil.

— Sempre que posso — esclarece a criadora de «Me leva» — aceito essas propostas, mesmo que a compensação financeira não seja boa. Acontece que (Cont. na pág. 34)

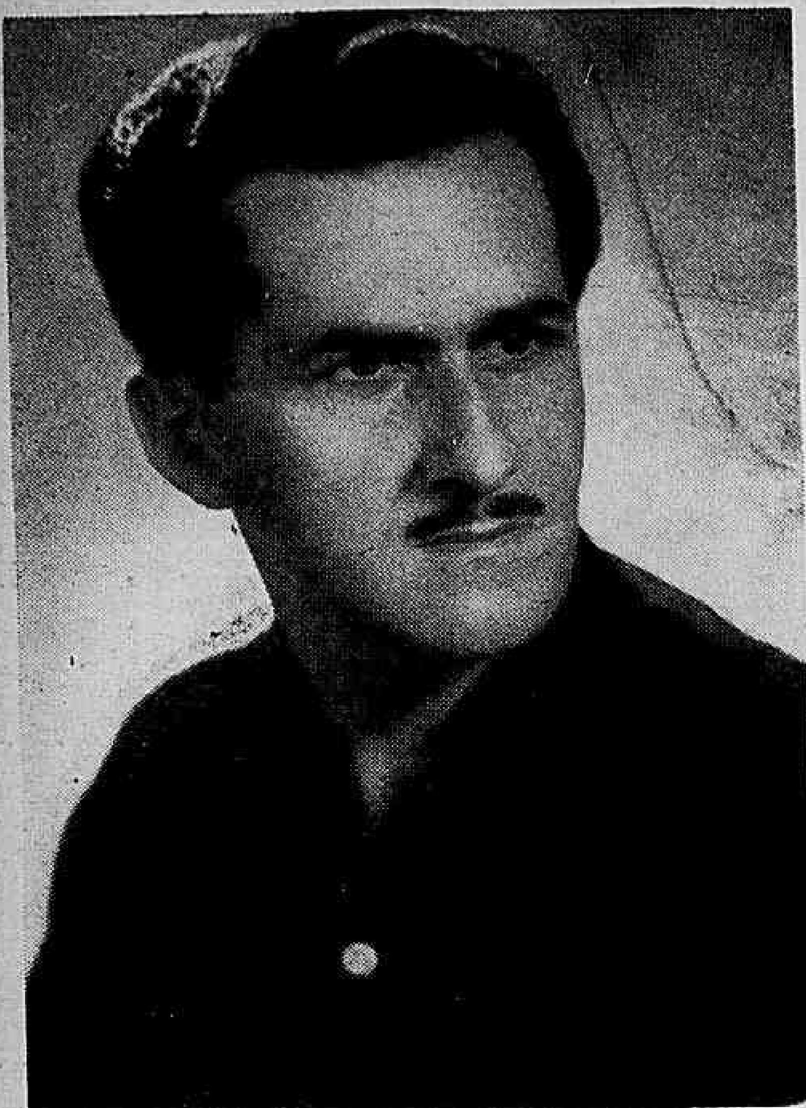


NO AUDITÓRIO, presenteando uma fã com a sua mais recente gravação. Carmélia adora seus admiradores



GOSTANDO DE SABER tudo o que acontece no rádio, a criadora de «O baião em Paris» não perde uma edição de A CENA. Suas colegas da Mayrink e da Nacional aproveitam a chance e tiram uma casquinha...

PONTOS de VISTA



Pedro dos Santos é um exemplo para os que desejam vencer no rádio. Vindo de modestas funções na própria emissora em que se revelou músico de grandes qualidades, êle é agora um dos integrantes do conjunto musical que brilha nas audições da «Hora Sertaneja», programa que a Tamoio manda ao ar, diàriamente, das 9 às 10 horas da manhã. O jovem Pedro é, também, compositor de méritos e tem algumas músicas em mãos do Waldir Azevedo e de outros cartazes do «broadcasting» guanabarino

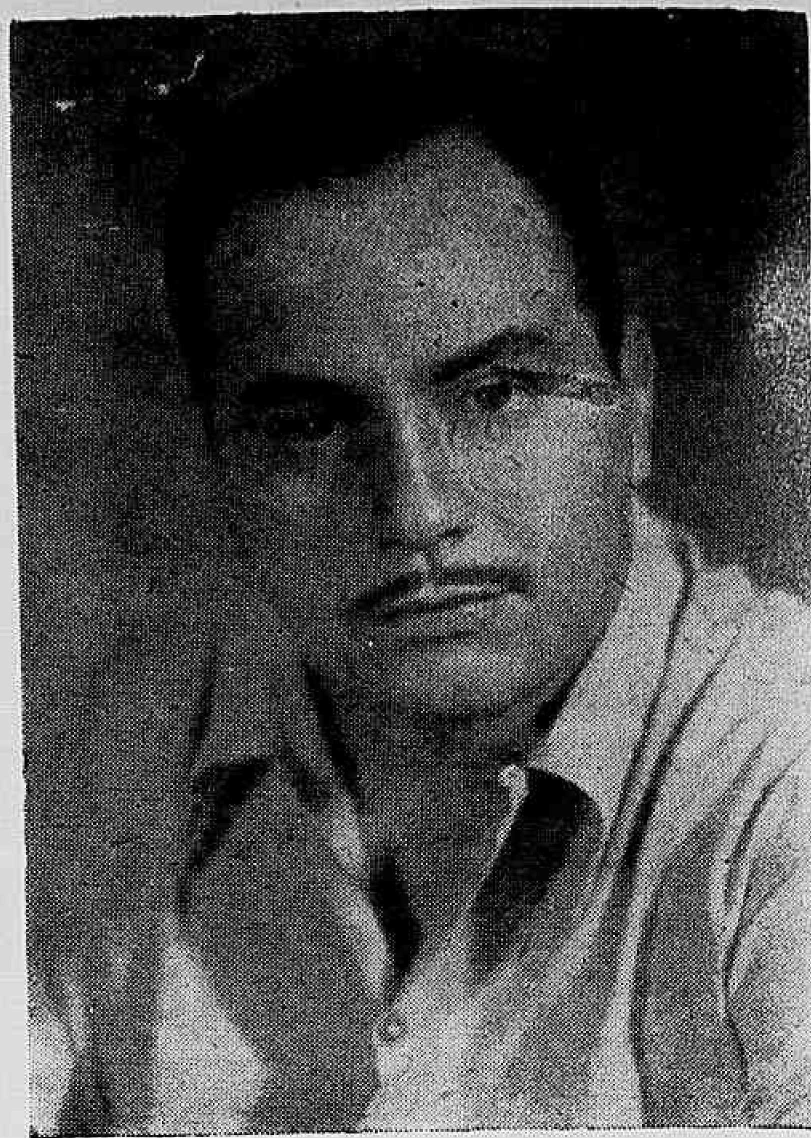
— "Talvez, no campo da televisão, Zarur possa acordar e cumprir sua carreira em ritmo normal, objetivo. Pois, no rádio, Zarur tem sido um turista inteligente e amável, mas colecionador de fracassos..." — **Mag**.

— "A suposição de que uma palavra poderá ser deturpada pelo povo, no carnaval, não pode levar uma Censura a proibir a execução dessa música". — **Nestor de Holanda**.

— "Esta foi do Vicente Celestino, dia 24, às 20,37, na novela "Alma de Palhaço", da Tamoio: "Em qualquer lugar onde estejas, aceite o meu oferecimento!" Gramática para um!" — **Marijô**.

— "Seria razoável que o próprio rádio contribuisse melhor para a atenuação ou extinção de subcultura e economia das massas. E' preciso prepará-las para poder, êle mesmo, desenvolver-se mais ràpidamente, assim como o professor que ensina o seu aluno o a-b-c para ensinar-lhe, depois, o que é a poesia de Goethe ou Milton". — **Miguel Curi**.

— "A televisão é um meio de expressão realista e apresenta ao espectador um espetáculo que deve ser tomado em sentido literal: por que o ôlho é, sem dúvida nenhuma, literal. O rádio, com os truques de seus efeitos sonoros e música de fundo, arrasta seu auditório, num abrir e fechar de olhos, de Nova York a Singapura: os ouvintes imaginam a seu modo o cenário e até roupa dos personagens. Mas ainda está por aparecer o espectador que possa fazer o mesmo com um drama tele-transmitido. A conseqüência disso tudo é que a televisão, tendo destruído os mundos da imaginação do ouvinte, deve criar novos mundos". — **Thomas H. Hutchinson**.



Heitor de Carvalho é um dos mais populares locutores da Rádio Nacional. Dono de excelente dicção e de timbre de voz agradável, a sua atuação é uma garantia para alguns dos principais programas da estação da Praça Mauá. Fora do rádio, o bonachão Heitor de Carvalho exerce elevadas funções numa grande agência de publicidade

DISSE-ME-DISSE

A verdade é que há grande número de descontentes na Taba. Como é lógico, êsse descontentamento se reflete na situação da emissora, afetando-a grandemente. Conseqüentemente, circulam piadas e mais piadas sôbre êsse estado de coisas. Ainda há dias, num de rondas pelas Associadas, ouvimos êste comentário dito por um dos seus mais prestigiosos elementos:

— Pois é, amigos. A situação, aqui, está periclestante...

★

Diálogo colhido na Praça Mauá:

— Você não acha que o Nestor de Holanda confia demais no prestigio da Associação Brasileira de Rádio?

— Por que?

— Êle disse que, para ir à Europa como delegado dessa entidade de classe, não precisa de passaporte...

★

Quando a turma das Associadas soube que os maiores da Taba tinham presenteado o novelista Félix Caignet com um anel no valor de quarenta mil cruzeiros (!), pôs a bôca no mundo. Um dos mais exeltados disse em alto e bom som:

— Isso é de amargar. Enquanto êles fazem essas cortezias, nós estamos com os nossos salários atrasados quase uma quinzena!...

DAQUI, DALI, DACOLÁ

Embarcaram para Montevidéu, contratados pela Rádio Carve e pela «boite» do Hotel Ermitage, em Punta del Leste, a dupla Joel e Gaúcho.

★

Estreou na Rádio Mayrink Veiga a sambista Linda Rodrigues.

★

A Rádio Jornal do Brasil, cujo transmissor de 50 kws. foi inaugurado na semana passada, contratou os jornalistas Jorge Lacerda e Clorivaldo de Araújo para o seu Departamento Informativo.

★

Depois da de Sagramor de Scuvero realizado na semana passada, anuncia-se a estréia do animador Luís de Carvalho na Rádio Mayrink Veiga.

★

Adolfo Cruz desligar-se-á da Rádio Clube, a fim de comandar o programa cinematográfico da Rádio Jornal do Brasil.

★

Contratado pela Rádio Bandeirantes, seguiu para São Paulo o produtor Júlio Atlas, que dirigiu por algum tempo a Rádio Eldorado.

★

As quartas-feiras, às 21h. e 2m., a Rádio Clube apresenta «Recepção», programa de Eugênio Lira Filho, estrelado por Dircinha Batista.

★

O Presidente da República concedeu à Rádio Quitandinha, de Petrópolis, autorização para que também opere em ondas médias. Assim, a simpática emissora passará a apresentar seus programas também na faixa de 780 quilociclos.

★

O locutor Ataliba Santos será o encarregado de apresentar as edições dos jornais falados da Rádio Jornal do Brasil.

★

Segundo teve oportunidade de declarar numa roda de amigos, Marques Rebelo, diretor-presidente da Rádio Clube, espera realizar grandes transformações nessa emissora.

★

A Rádio Tupi lançou nova história seriada de J. Silvestre, no horário das 14 horas das têrças, quintas e sábados. Título: «Três paixões». Principais intérpretes: Paulo Pôrto, Amélia Simone e Miguel Rosemberg.

★

Encerrou sua temporada na Rádio Nacional o tenor cubano Manolo Alvarez Mera.

★

Diàriamente, às 13 horas, a Rádio Globo apresenta «Histórias da Ópera», no qual são apresentados trechos selecionados das mais conhecidas óperas.

★

Ao contrário do que foi noticiado, Simone Morais não deixou o rádio. Ela está atuando nas audições rádio-teatrais da Mayrink Veiga.

★

O cantor João Dias, agora exclusivo das Associadas, ofereceu um coquetel à crônica radiofônica, na sede da Associação Brasileira de Rádio, por motivo de sua estréia no «broadcasting» guanabarino.

★

Clímaco César, produtor da Rádio Tamoio, tão logo termine o contrato que o prende à PRB-7, ingressará numa das principais emissoras paulistanas.

VALE A PENA SABER

O novelista Amaral Gurgel, que também já foi um dos principais rádio-atores da Nacional, há alguns anos atrás, é proprietário de uma farmácia.

★

César de Alencar já foi jogador profissional de futebol, substituindo o famoso Jaguaré no arco do S. C. Carioca, quando êste clube disputava o campeonato carioca de futebol.

★

Antes de ingressar no rádio, o cantor Carlos Galhardo foi, durante algum tempo, vendedor de bilhetes.

★

O animador Silveira Lima é formado em odontologia.

★

A rádio-atriz Olga Nobre, antes de entrar para o rádio, era cantora, dedicando-se à interpretação de melodias clássicas.

★

O locutor Paulo Ferreira, um dos mais novos integrantes da equipe de "annonceurs" da Rádio Tamoio, é formado em advocacia.

CALVÍCIE PRECOCE
Como evita-la!
Juventude Alexandre
JUVENTUDE ALEXANDRE
BELEZA & VIGOR DOS CABELOS
Super eficaz contra QUÉDA DOS CABELOS



ÍSIS DE OLIVEIRA, no aeroporto do Galeão, abraça Félix B. Caignet, autor de «O direito de nascer», novela em que brilhou interpretando «Sóror Helena da Caridade».

POR CAUSA de "O DIREITO de NASCER" FELIX CAIGNET é PADRINHO de 300 CRIANÇAS

INSPIROU-SE NUMA ENCÍCLICA PAPAL PARA ESCREVER A SUA MAIS FAMOSA NOVELA — ANTES DE SER AUTOR ERA RÁDIO-ATOR — GRAÇAS ÀS SUAS HISTÓRIAS SERIADAS TORNOU-SE MILIONÁRIO — E' A SEGUNDA VEZ QUE VISITA O BRASIL

Reportagem de MILTON SALLES
Fotos de JOSÉ LUÍS, DACIO CABRAL e PEL-MEX

À primeira vista, Felix Caignet parece um dêsses velhotes antipáticos (êle tem 62 anos de idade), introspectivos, que não sentem o que ocorre em tôrno de si. Mas, depois que começa a falar — e como êle fala — parece ser um jovem, que se entusiasma por qualquer caisa. Embora estivesse sempre seguido por um séquito de repórteres, artistas, publicistas e diretores de emissoras nos poucos dias que passou na Cidade Maravilhosa, o famoso novelista cubano não demonstrou sinais de fadiga, respondendo a tôdas as perguntas — a maioria das quais indiscretas — com uma jovialidade contagiante.

Entusiasmado com as belezas naturais desta capital, êle, enquanto fitava a paisagem carioca, dizia sem afetação:

— O Rio não é sòmente um abraço, mas também um beijo, e um beijo de carinho e ternura.

E, num indício de que estava muito satisfeito com a visita que realizava à nossa terra, tirou demoradas baforadas do seu inseparável charuto.



Mamãe Dolores (Yara Sales) encontra-se com o seu criador, Felix Caignet



Félix Caignet, no momento em que chegou ao Riod e Janeiro, descendo do avião.



Eis uma cena do filme mexicano «O Direito de Nascer» — A grande artista Gloria Marin, no papel de Maria Helena, filha de Dom Rafael (José Baviera), suplica a seu pai que não cumpra a ameaça de «voltarei quando teu filho nascer». Cena dramática da película da Produção Galindo Hnos, que leva o sêlo da Pel-Mex.

INSPIROU-SE NUMA ENCÍCLICA DE PIO XII

Após essa demonstração de simpatia pela terra que visitava pela segunda vez (a primeira em que aqui estêve, êle era apenas rádio-ator, em trânsito para Buenos Aires), Felix Caignet, a uma pergunta nossa, assim se manifestou:

— Como vocês devem saber, iniciei minha carreira no rádio cubano como intérprete. Porém, com o correr do tempo, fiquei entusiasmado pela produção, passando a escrever pequenas histórias de amor que obtiveram algum sucesso. Tempos mais tarde, ao ler uma Encíclica do Papa Pio XII, sôbre os problemas surgidos com a eliminação dos sêres humanos ainda em gestação, eu, que sempre fôra contra êsse crime hediondo que é o abôrto, vislumbrei a oportunidade de, servindo à humanidade, realizar uma novela que empolgasse os ouvintes. Assim, pondo mãos à obra, em menos de seis meses produzi «O direito de nascer». Irradiado pelas principais emissoras de minha terra natal, meu trabalho alcançou surpreendente sucesso.

Felix sacode a cinza do Havana, tira outra baforada e, enquanto espia os desenhos formados pela fumaça que se evola, prossegue:

— Depois, para maior surprêsa dêste seu criado, começaram a chegar propostas de contratos para divulgação de minha novela em diversos países sul-americanos. Aceite-as e, dessa forma, meu trabalho foi irradiado por emissoras da Venezuela, Colômbia, Peru, Equador, Salvador, México, Panamá e Brasil. Agora, «O direito de nascer» está sendo traduzido também para o inglês e já foi filmado pelos aztecas.

JÁ PODE VIVER TRANQUILO

Depois, inquirido sôbre quanto lhe renderam suas duas grandes novelas, assim se manifestou o mais famoso novelista sul-americano:

(Cont. na pág. 34)

HAYDÉE MIRANDA, radioatriz da Tamoio, embora não participe do «cast» de «Os que não devem nascer», novela que está sendo apresentada pela B-7, foi levar o seu abraço ao famoso novelista sul-americano. Êle parece ter gostado ...



RESSURGE O TRIO de OURO

Herivelto Martins recrutou Raul Sampaio e Lourdinha Bittencourt e formou um tercêto esplêndido — Já em plena atividade na Nacional a maravilhosa trinca

Texto de **JORGE CORRÊA**
Fotos de **ALBERTO FERREIRA**

O Trio de Ouro é um dos conjuntos de maior tradição no "broadcasting" carioca. Desde o tempo em que Dalva de Oliveira integrava êsse tercêto, que os ouvintes o festejam como perfeito criador de grandes sucessos da música popular brasileira, como exemplo de coesão de vozes, como maravilhosa demonstração de apêgo aos ritmos verde-amarelos. E Herivelto Martins, que sempre chefiou carinhosamente, que sempre submeteu os seus companheiros a puxados ensaios em busca da perfeição quase sempre encontrada, jamais de ser saudado como grande vocalista, sendo sua atividade incessante um exemplo para os demais. Dado o seu acendrado amor ao Trio é que o conjunto, em que pese as sucessivas mudanças por que tem passado, jamais foi esfacelado.

★

Com a saída de Dalva de Oliveira, temeu-se pela sorte do esplêndido tercêto. Isto porque, depois da debandada da criadora de "Kalu", Nilo Chagas também seguiu outro rumo, aliando-se a Gaúcho — que por sua vez tinha



AGORA O TRIO está assim, constituido de Lourdinha Bittencourt, Raul Sampaio e — êle não poderia faltar — Herivelto Martins



NA PRIMEIRA FASE, porém, Nilo Chagas e Dalva de Oliveira eram os companheiros de Herivelto. Uns dizem que, até hoje, não apareceu trio igual...



DEPOIS, COM a saída de Dalva, que passou a cantar sòzinha, Noemi Cavalcanti entrou para o trio. Essa constituição do tercêto, porém, não durou muito



O NOVO «Tio de Ouro», em grande estilo, no seu programa de estréia, na Nacional. Herivelto Martins confia nos seus novos companheiros

abandonado o Joel — para formar uma dupla.

Apesar disso, Herivelto continuou desenvolvendo esforços para armar um novo trio, capaz de brilhar tanto quanto o outro. Achava que o conjunto, que sempre fôra a razão de ser de sua vida não podia perecer assim de uma hora para outra, quando o público já se havia acostumado a êle. Urgia, pois, promover o regresso de Nilo Chagas e descobrir uma vocalista com as mesmas qualidades de Dalva.

Após conseguir o retôrno do cantor "colored", o autor de "Caminhemos", por sugestão do saudoso Príncipe Pretinho, ouviu Noemia Cavalcanti, "habituée" dos programas de calouros e dona de uma voz maravilhosa. Imediatamente, ela passou a fazer parte do popular trio. Depois, aconteceu o que todos sabem: o novo conjunto brilhou em tôda a linha, aparecendo com realce nos festejos momescos, quer interpretando melodias do próprio Herivelto, quer perpetuando na cêra composições de outros autores.

★

Mas, como dizem os árabes, estava escrito que não seria esta a formação do Trio de Ouro. E, de fato, nova reforma se processou na esplêndida trinca. Noemi e Nilo Chagas, por incompatibilidade, afastaram-se de Herivelto Martins. Êste, por sua vez, não se deu por vencido. Pela terceira vez procurou novos elementos



MUITOS NÃO ACREDITAM que o atual trio tenha vida longa. Herivelto, porém, garante que êle não se esfacelará



DEBUTANDO NA CÊRA, o novel tercêto vocal gravou diversas composições para o tríduo de Momo. Algumas são consideradas verdadeiras «bombas»



RAUL SAMPAIO era um jovem cantor e compositor que não tinha oportunidade até então. Agora, caminha, célere, para o estrelato



OS INTEGRANTES do trio estão mostrando o que valem, nos principais programas da Nacional e da Mayrink Veiga

para refazer o trio. Depois de muito procurar, conseguiu a adesão de Lourdinha Bittencourt, que há tempos andava afastada das atividades radiofônicas, injustamente, aliás, pois sempre foi uma cantora de méritos, e a de Raul Sampaio, um jovem compositor, dono de interessante material vocal. Assim, após apura-dos ensaios, ressurgiu o Trio de Ouro, em grande estilo, numa grande emissora, como é a Rádio Nacional.

★

Herivelto, como é natural, está eufórico, não cabe em si de satisfação pela brilhante demonstração das possibilidades do novo Trio de Ouro, no programa "Gente que Brilha", levado ao ar, têrca-feira da semana transata, pela Rádio Nacional.

Finda a audição em que Paulo Roberto, com aquêle estilo delicioso contou para os ouvintes as

(Cont. na pág. 30)



PAULO ROBERTO foi quem apresentou o novo tercêto, no programa «Gente que brilha». Ei-lo entre Herivelto e seus companheiros



LOURDINHA BITTENCOURT estava afastada das atividades artísticas e, pela mão de Herivelto, voltou em grande forma

"VOCÊ JÁ FOI A . . .

(Cont. da pág. 12)

que lá desenrolava-se outra cena para aumentar seu desespêro. Em seu camarim a «cubana» é importunada com proposta de casamento de Abraão. Está querendo trocar de roupa, pede que o velho se retire, só conseguindo depois de muita insistência, levando-o até a porta... Aí o velho impertinente mais uma vez insiste com as seguintes palavras: — «Antes faça um agradinho: Diga que sou seu «maraquero»! Tudo isto à vista de Reynaldo que dirigia-se para seu camarim. Blanquita querendo aumentar os ciúmes de Reynaldo, diz ao velho: «De quem é esta boquinha? Do seu cacique Abraão Tupac Amarú. E êste narizinho? Distintivo da Colônia!»

Depois destas cenas o «Noivo da América» resolve abandonar tudo e todos, e regressar ao seu país. Antes vai a procura de Tito. Encontra-o num Café Concêrto assistindo à apresentação, de um novo cantor, Hector Palacios, que canta, no momento, «Kos tangos». Aí, mais uma vez, Tito se gaba dos amôres que vem mantendo com a rumbeira; pura mentira e infâmia, pois Blanquita mantém conduta irrepreensível e está sofrendo o abandono do marido a quem devota um grande amor. Juanito estava porém precisando de uma lição em regra para abrandar o seu tremendo egoismo. Juanito cada vez mais impressionado com os relatos de Tito, endereça uma carta a Blanquita comunicando sua resolução de voltar a Havana, onde requereria o divórcio. Esta carta triste, sucita, na entrega, um episódio alegre: O «groon» do hotel encontra a rumbeira no banho esta vem receber a carta envolvida numa toalha. A toalha cai... mas o «groon» também cai desfalecido. Neste momento chegam Tito e Abraão. Blanquita chora lendo a missiva de seu marido. Os dois empresários tomam conhecimento da resolução do cantor e descobrem que Juanito é o marido da artista. Tito, num relance, lembra-se das gabolices e avalia todo o mal causado a Blanquita. Urge dar um remédio a situação; urge chegar ao aeroporto antes da partida de Juanito, mas êle já está longe... o avião cortando as nuvens e Blanquita derrama lágrimas.

Nessa mesma noite registra o teatro a maior apoteose da temporada: a rumbeira canta e dança como despedida.

Três dias depois Blanquita dirige-se para o aeroporto para iniciar a viagem de reconciliação. Abraão acompanha-a, enquanto a Tito há três dias desapareceu da circulação. E' estranho o desaparecimento do diretor artístico que entretanto, vai no mesmo avião a procura de Juanito, para lhe dar esplicações, pois o remorso está enlouquecendo-o. Blanquita encontra-o e insiste que êle volte, pois julga ser seu intento, o desforço com Juanito, que levara para Havana sua namorada Laura...

Vamos encontrar Juanito na boite Sans Souci, em Havana, assistindo a um show com a orquestra cubana dos «Irmãos Palau» e «Roche Carlyle Dancers». O show é maravilhoso mas Juanito não se diverte, seu pensamento está voltado para a mulher que ama. Laura que o acompanha, sai a passeio com Don Pablo, um empresário amigo e confidente de Juanito. De volta do passeio Laura recebe de Juanito a notícia de que vai viajar e abandonar Havana, deixando-a ali, são momentos de grande emoção para a mulher, amenizados por Pedro Vargas, cantando «Que linda é você». Nesse ínterim chegam a Havana Blanquita e Tito. Cada um vai para seu lado a procura de Juanito. Êste já embarcou para a Venezuela, onde possui uma estância. Blanquita pede o auxílio de seu velho amigo, Don Pablo para descobrir o paradeiro de seu marido. Vão a uma boite onde presumìvelmente estaria Juanito. Aí Blanquita é alvo de homenagens pelo seu sucesso na Argentina. Canta, então, «Não me olhe», em seguida aparecem no palco dois bailarinos, verdadeiras máquinas de dançar, conhecidos por Raquel e Rolando, os reis do mambo.

No dia seguinte Blanquita descobre que Juanito está na Venezuela e parte para lá. Sem prévia combinação dirigem-se também para a estância Tito e Laura, agora reconciliados.

Blanquita ao chegar é mal recebida: Juanito só quer o divórcio. Retira-se a jovem, cada vez mais apaixonada, para continuar sua carreira. Em seguida Tito e Laura chegam também, Tito numa acalorada discussão, consegue convencer a Juanito das mentiras pregadas e verbera o seu procedimento egoísta.

Blanquita resolve voltar a Buenos Aires para o teatro de Abraão. Ao chegar tem uma grande surprêsa: o seu marido Juanito, também estrearia com ela. E' a reconciliação de um grande amor, uma lição bem dada para um marido egoísta e a prova de que ninguém deve falar demais, como Tito.

Para Você Cantar

ESTÁ FAZENDO UM ANO
(Samba-canção)

De Ismael Neto e Manèzinho Araújo — Gravação de Heleninha Costa e César de Alencar

Está fazendo um ano que ela
[disse
Pra todo mundo ouvir no bo-
[tequim
Hás de pagar bem caro essa doi-
[dice
Hás de voltar de joelhos para
[mim.
Está fazendo um ano que ela
[disse
Pra que todo mundo a escutasse
Que eu ia sentir que era tolice
Abandonar uma mulher de sua
[classe.

Hoje um ano depois da sua
[praga
Essa mulher soberba a vida es-
[traga
Alucinada a perguntar por mim
Dá pena vê-la até de manhã-
[zinha
A gesticular... e a falar sò-
[zinha
Na mesma mesa do mesmo bo-
[tequim
Está fazendo um ano que eu
[também pago o meu preço
Está fazendo um ano que eu pa-
[deço!...

MOMENTOS DE AMOR
(Bolero)

De Armando Domingues e Sílvio Caldas — Gravação de Jorge Goulart

Num instante divino
Num instante de amor
Prêso aos teus encantos
Ficou meu coração
Ainda quando êsse instante
Que vai sempre adiante
Meu caminho a guiar.
Quando sinto meu bem
Que êste amor tenha que ter-
[minar

Eu te juro meu bem
Está de luto meu coração
Não entendo que coisas
Tão lindas assim
Tenham que terminar.

Os momentos,
Os momentos divinos
Cheios de paixão
Nesta alucinação
Onde queira que eu vá
Te sinto amor
Não te esqueças de mim
Que de ti não esquecerei
Depois de um fracasso de amor
Sòmente resta recordar
Mas que posso fazer
Se assim manda o coração?

RESSURGE O TRIO. . .

(Cont. da pág. 29)

peripécias por que tem passado o trio e o seu incansável condutor, o vitorioso autor de "Segrêdo" e outros grandes sucessos da nossa música popular teve oportunidade de fazer-nos as seguintes declarações:

— O que você acabou de ver serviu para provar a alguns falsos profetas que o Trio de Ouro não acabou e que não acabará tão cedo, como se disse.

O novato Raul Sampaio e a graciosa Lourdinha Bittencourt sorriam, como que confirmando as declarações de Herivelto.

— A prova de que ainda continuamos gozando da simpatia do grande público — prosseguiu Herivelto — é que, tão logo foi anunciado o nosso ingresso na Rádio Nacional, vieram ter às minhas mãos inúmeras propostas para exibição nas principais cidades do Brasil. Que é isso, senão uma prova de que ainda possuímos grande cartaz, de que ainda temos prestígio para dar e vender?!

Uma pausa para receber cumprimentos de um grupo de colegas, que não se cansam de elogiar os novos integrantes do Trio de Ouro, e Herivelto acrescentou:

— Pode dizer que temos algumas "bombas" — não daquelas de ação retardada, como é comum se ver por aí — para o tríduo da folia. Faremos, também, algumas audições semanais na Rádio Mayrink Veiga e, assim, melhor apresentaremos as nossas criações a êsse público que jamais me faltou com o seu aplauso estimulante.

Nesta altura, cercado que estava pela turma da emissora da Praça Mauá, Herivelto Martins não mais pôde atender ao repórter, pois algumas dúzias de braços levaram-no e a Raul Sampaio e Lourdinha Bittencourt, para o bar da PRE-8, onde, pouco depois, seria comemorada festivamente a estréia do Trio de Ouro na estação dos 980 quilociclos.

A ARTE DE FAZER...

(Cont. da pág. 5)

UM GIRO PELOS DEPARTAMENTOS TÉCNICOS

Os artistas vão da cabeleireira ao maquilador e dêste para as costureiras do estúdio. Como o filme tem início numa das cenas do meio da história, trata-se também de se fazer os «play-backs», ou seja, as regravações das músicas. Dóris Monteiro gravou dois bonitos sambas-canções do compositor César Cruz (que aparece num dos primeiros papéis do elenco) e que são «Perdão» e «Agulha no Palheiro». Camélia Alves não sòmente canta, mas rá ouvir em «O vôo do Mangangá» e na toada «Moamba», dois números muito expressivos, frisemos. Aliás, Carmélia Alves não sòmente, mas (sem trocadilho!) encanta através de uma corretíssima interpretação!

Vai-se, então, rodar a primeira cena: o diretor de fotografia Mário Pagés lá está, compondo a iluminação, assistido pelo operador Sílvio Carneiro. Atentos, lá em cima na cabine do som, Luís Braga Filho e Nelson Ribeiro esperam as ordens do diretor Alex Viany, e êste, afinal, ordena a colocação da «claquete» (objeto que no estúdio serve para orientação da montagem do filme) e grita o clássico: «Luz, Câmara, Ação!» Dias depois dessa filmagem, vai-se à cabine de projeção do estúdio. O diretor e os seus técnicos assistentes vão assistir aos copiões (as seqüências prontas, já reveladas no laboratório) e que, reunidas ao final das filmagens, já montadas, unidas, servirão como a primeira cópia do filme que o público assistirá em breve). O cenário, ou mais explicitamente, a cenografia, usada nas primeiras cenas nos palcos A e B dos estúdios da Flama (uma casa de gente pobre na Rua Pedro Américo, no Rio), vai ser agora mudada para um clube noturno, aliás uma curiosíssima boite (não as corriqueiras boites que já estão fartando os que vêem filmes nacionais...) onde, no dizer do autor da história do filme, o dever dos garções é maltratar os fregueses... Nessa boite é onde aparece pela segunda vez no filme o galã Hélio Souto, que, frise-se, tem marcante apresentação, aliás a primeira onde verdadeiramente faz ressaltar o seu grande talento. A terceira cenografia será um grande hospital e a quarta uma rica mansão no bairro das Laranjeiras, no Rio. Como vêem, num estúdio de cinema, graças ao milagre da cenografia, constrói-se hoje até o «Empire State Building», o maior edifício do mundo... A ilusão que mais tarde a tela oferece ao espectador é perfeita! As filmagens de «Agulha no Palheiro» estão previstas para mais de dois meses e quando terminados os trabalhos de estúdio vai-se para os exteriores, onde a ação será desenvolvida numa das ruas mais centrais do Rio de Janeiro e dividida em diversas partes: dentro de um bonde (no qual veremos o galã Roberto Batalin como um motorneiro), num lotação, numa praia, em frente a uma casa na Rua das Laranjeiras e na Rua Pedro Américo. Terminado isto, estará também terminado o filme. Não totalmente, por que daí irá êle para os retoques finais dos técnicos: a montagem, a regravação (a dublagem, se necessária), a mixagem, que é uma espécie de composição final de tudo aquilo que foi feito no celulóide, e, finalmente, a primeira cópia, prontinha, de ponta à ponta. E' vista, aprovada. Vai o filme entrar agora na preparação publicitária, que também é muito complicadinha... O Departamento de Publicidade do estúdio da Flama já sabe por onde atacar, de acôrdo com o gênero do filme. Enfim, quando «Agulha no Palheiro» — narrado aqui de maneira sucinta — fôr entregue ao público, êste não imagina o trabalho que êle deu. Bem, mas vocês que leram tudo isto escrito aqui já têm uma idéia, não é? Então faça-a chegar aos seus conhecidos.

CIDADE ATÔMICA

(Cont. da pág. 8)

semi-documentário que os norte-americanos utilizam cada vez mais exclusivamente para temas policiais, perdendo por isto a sua fôrça artística, para adquirir côres essencialmente jornalísticas e constativas de modernos processos, métodos e técnicas policiais.

Outra coisa que não só está errada, mas angustia, oprime, machuca e fere, é a parte final do filme, quando o garotinho é transformado em herói de história de quadrinhos, numa maldosa deformação da pureza da infância. Mesmo que verossímil, é chocante ver aquêles homens perseguindo o menino ou constatar o suprassumo do heroísmo quando o guri diz "que nunca se renderá" aos que o cercam. Absurdo! Se querem lembrar que há gente impiedosa, que mata crianças inocentes, que lembrem os recentíssimos massacres nazistas, quando milhares de criancinhas não só eram perseguidas, mas mortas, não só mortas, mas estraçalhadas, enterradas vivas, asfixiadas por gases. Que lembrem isto! As poucas mães que o viram e escaparam nunca tirarão isto de suas enlouquecidas mentes.

O FÃ PERGUNTA —...

(Cont. da pág. 20)

alimenta com Corinne Calvet. Vê-la-emos breve em «Travessuras de Casados» e em «Moulin Rouge», êste último com José Ferrer.

RÁDIO NOVELA

de JOSÉ FERNANDES

AS ROSAS de MARIA ANGÉLICA

CAPÍTULO XV

Quando pediu para ficar a sós com Artur, Maria Angélica não supôs que havia traçado a sua própria sentença de morte, pois isso ia servir de base para a sua condenação. Todos a julgavam culpada do que acontecera ao menino, e alguns mais ousados já a chamavam de feiticeira, o que muito a entristecia. Padre Luís, todavia, não acreditava nos boatos e procurava consolá-la.

....

PADRE LUÍS — Essa gente não sabe o que diz, Maria Angélica. Você não deve se impressionar com isso.

MARIA — Tenho mêdo, padre Luís. E eu gostava tanto do Artur! O senhor acha que eu seria capaz de fazer mal a êle?

PADRE LUÍS — Claro que não, meu bem. Só os idiotas e irresponsáveis pensam uma coisa dessas. (Pausinha) — Para quem são estas rosas?

MARIA — São para o Artur. Vou levar para êle agora. Será que êles me deixam entrar?

PADRE LUÍS — Deixam, sim... por que não?

MARIA — Depois do que estão dizendo...

PADRE LUÍS — Pode ir sem receio. Nada lhe acontecerá.

Maria Angélica se dirigiu à casa de Artur, a fim de levar-lhe as rosas, e no caminho...

MULHER I (Má — Voz arrastada) — Aonde vai, menina, com essa pressa?

MARIA (Timidamente) — Vou levar estas rosas para o Artur.

MULHER I — Hum! Não está satisfeita com o que fez?

MARIA — Eu não sei o que a senhora está dizendo...

MULHER I — Não se faça de desentendida! Você sabe muito bem. (Entre dentes) — Se fôsse minha filha, eu já tinha lhe torcido o pescoço...

MARIA (Amedrontada) — Por que?

MULHER I — Porque é assim que a gente deve fazer com as pessoas que têm o demônio no corpo! E você o tem, menina!

MARIA — Eu?

MULHER I — E'!... Foi só entrar no quarto do menino, e êle morreu! Não é àtoa que a sua mãe não gosta de você.

MARIA (Aflita) — Mas eu não sei de nada! Eu juro!
MULHER I — Pois é assim mesmo. Quem tem o diabo no corpo não sabe disso. Mas os outros é que sofrem as conseqüências! E o pobre do menino, coitadinho! Você é uma bruxa, ouviu? Uma bruxa! Ainda bem que eu trago uns bentinhos aqui no rosário...
MARIA (Choramingando) — Oh, meu Deus... eu não fiz nada... Eu não queria que êle morresse... Por que são maus assim comigo?

....

Chegou à casa de Artur e ficou com mêdo de entrar. Lá dentro, a família velava o pequenino morto, e no silêncio da sala só se ouviam os soluços da pobre mãe que havia perdido o filho. Maria Angélica se aproximou vagarosamente e ficou de pé na porta, sobraçando as suas flores e sem coragem para entrar. Quando Vanda, irmã de Artur, a viu...

VANDA (Revoltada) — Que veio fazer aqui, Maria Angélica?
MARIA (Assusta-se) — Oh... eu...
VANDA — Vá embora! Ninguém quer você aqui!
MARIA (Medrosamente) — Vanda... eu... eu vim trazer estas rosas...
VANDA — Não precisa não. Vá embora!
MÃE (Soluço na voz) — Que é isso, minha filha? Deixe a menina entrar.
VANDA — Não, mamãe. O papai não gosta dela. Foi por culpa dela que o Artur morreu!
MARIA — Não diga isso, Vanda! Eu não tive culpa nenhuma!
VANDA — Teve, sim. Você é feiticeira... vá embora daqui!
MARIA (Angústia) — Não, Vanda, por favor... acredite em mim... Eu gostava muito do Artur. Até pedi a Ela para não deixá-lo morrer!
VANDA — Você o matou, Maria Angélica... Você matou o meu irmão.
MARIA — Não! (Aflita) — A senhora acredita nisso?
MÃE — Vá para casa, minha filha. Não convém ficar aqui.
VANDA — E leve as suas flores também! Não deixe nada aqui em casa.
MARIA (Cai) — Oh... Será possível?
VANDA — Vá embora, Maria Angélica. (Empurrando-a) — Vá embora!...

....

MARIA (Soluço) — Oh... não me deixaram entrar...

....

MARIA (Soluço) — A Vanda era tão boazinha... parecia gostar tanto de mim... e agora... que foi que eu fiz?... Por que estão dizendo que eu sou feiticeira?... Não são as mulheres velhas que sao feiticeiras?... Se eu ao menos encontrasse aquela senhora bonita...
JORGE (De longe — Chama) — Maria Angélica!
MARIA — (Parou de chorar) — Hein!... O que é?
JORGE (Raiva) — Maria Angélica... que está fazendo aqui?
MARIA — Jorge... eu...
JORGE — A mamãe te procurando, e você aqui bem sentada!... Vá embora pra casa, anda!
MARIA — A mamãe precisa de mim?
JORGE — E ainda pergunta?... Ela está por conta com você, ouviu? Acho bom você ir se preparando para entrar no couro!

MARIA (Assusta-se) — Jorge!... por que?
JORGE (Grita) — Tire a mão do meu braço! Você é feiticeira!
MARIA (Aturdida) — Jorge... até você?
JORGE — Pensa que não sei?... Você entrou no quarto do Artur e êle morreu. Todo mundo já sabe. E a mamãe já disse que você não entra mais no quarto da Glorinha.
MARIA — Oh... será possível? (Soluço).
JORGE — E não tem nada que chorar!... Largue isso aí e vamos embora.
MARIA — Não posso nem levar as minhas rosas?
JORGE — Não! Isso tem feitiço.
MARIA (Soluço) — Jorge... não seja tão mau para mim... sou sua irmã...
JORGE — E pensa que eu morro de amôres por você?... Por sua causa os meninos já estão dizendo que eu sou irmão de uma bruxa! Vamos embora! A mamãe é que vai acertar contas com você!

....

MALVINA (Irada, sem gritar) — Não quero saber disto aqui em casa, Mendes. Leve isto daqui imediatamente!
MENDES — Malvina! E' a única coisa de valor que possuímos... Não temos mais nada...
MALVINA (Desdém) — Hum... valor! Você viu o valor dêle quando precisamos de dinheiro e ninguém o quis comprar!
MENDES — Mas naquela época êle estava parado... e agora funciona **tão bem**... Não podemos dispor dêste relógio, Malvina. **Êle significa tan**to para mim...
MALVINA — Para você, que não tem critério e vive iludido por tolices... Mas para mim tem servido só para aborrecimentos! Depois que você e Padre Luís cismaram que aconteceu um milagre, a gente não teve mais sossêgo e vai indo para a miséria. Miséria, pior do que miséria, porque os mendigos saem à rua para pedir esmolas, e ganham. E nós... que precisamos manter ao menos a aparência, somos obrigados a viver de favores e promessas!... Para que os meninos possam ir à escola decentemente vestidos, eu tenho que usar êstes trapos imundos... e você, que devia estar trabalhando, fica em casa rezando para que aconteça outro milagre!
MENDES — Malvina... não diga isso...
MALVINA — Isso é de desesperar a gente, Mendes. E além de tudo os vizinhos começam a fugir de nós, (frisa) porque temos uma bruxa em casa!
MENDES (Aturdido) — Meus Deus... Malvina, você acredita nisso?
MALVINA — E não posso acreditar? A verdade não está aí?
MENDES — Não... você está brincando... não está falando sério...
MALVINA — Desde quando eu tenho o hábito de brincar com você?
MENDES — Oh!... não é possível... U'a mãe dizer isso da própria filha... E' um absurdo, Malvina! Um absurdo! Você...
MALVINA (Dura) — Mendes... não se atreva a me pôr a mão!
MENDES — Eu não teria coragem para tanto. Só não posso acreditar é que você tenha renegado a nossa filha... Uma alma como aquela... um espírito inocente e incapaz de uma perversidade...
MALVINA — Não me venha com sentimentalismos. E trate de pôr esta coisa daqui para fora, porque não quero saber de bruxarias em minha casa! Leve daqui o seu relógio, se não quiser que eu o faça em pedaços agora mesmo.

MENDES (Submisso — Vencido) — Está bem. Você quer...

....

MARIA (Medrosa) — Mamãe... mandou me chamar?
MENDES — Malvina... não maltrate a Maria Angélica, por favor!
MALVINA (Arquitetou um plano — Indiferente) — Quem disse que eu vou maltratá-la, Mendes?
MENDES — Bem... eu vi você numa atitude agressiva...
MALVINA — Pois está muito enganado. (Contendo-se) — Maria Angélica... vá para dentro.

....

MALVINA — Não senhora!... No quarto da Glorinha, não.
MARIA (Surprêsa) — Por que, mamãe?
MALVINA — Você não precisa saber. Não quero que entre lá.
MENDES — Malvina!
MALVINA — Entendeu?
MENDES (Bom) — Vá, minha filha. Depois o papai cônversa com você.

....

RAIMUNDA — Tome mais um pouquinho de sopa, minha filha. Assim você não sara...
GLORINHA (Chorosa) — Não quero não. Eu queria a Maria Angélica...
RAIMUNDA — Sua mãe não quer que ela venha aqui, minha filha.
GLORINHA — Por que?
RAIMUNDA — Quem pode saber?... Sua mãe é cheia de coisas...
GLORINHA — A Maria Angélica é tão boazinha... e me distrai tanto! Agora ninguém fica comigo aqui no quarto... (Pausinha) — Dona Raimunda... a senhora me faz um favor?
RAIMUNDA — Ahn. O que é?
GLORINHA — Dê um jeitinho da Maria Angélica vir me ver... ao menos um pouquinho!
RAIMUNDA — Ah, não sei, Glorinha. Sua mãe anda muito esquisita... e eu não quero me indispor com ela.
GLORINHA — Será que a mamãe vai bater nela?
RAIMUNDA — Não... acho que não. (Pensativa) — E' mesmo, gente. Antes da menina chegar, ela estava feito uma fera... Dizendo que fazia isso e mais aquilo. Eu até fiquei com mêdo... E de repente, a menina vem para casa e ela não faz nada. Só levou ela lá pra despensa e fechou a porta por fora...
GLORINHA (Assusta) — Fechou a Maria Angélica na despensa?
RAIMUNDA — Fechou.
GLORINHA — Oh!... (Soluça) — Ela vai ficar sòzinha lá?
RAIMUNDA — Seria pior se a sua mãe tivesse batido nela, minha filha.
GLORINHA — Oh, coitadinha!... Se eu pudesse ficar com ela... (Chorosa) — Mas não posso andar... as minhas pernas não se movem... Eu ia morrer... foi ela quem não deixou... a Maria Angélica fêz tudo por mim... e agora eu não posso fazer nada por ela... (Cresce) — Oh, d. Raimunda... me ajude... eu quero me levantar! Eu quero ajudar a Maria Angélica!...

SINTONISANDO

MILTON SALLES

"AVENTURAS DE JAGUAR" — 19,15, dia 4 de dezembro — Rádio Tamoio — A julgar por êsse capítulo, as interessantes proezas dêsse detective perderam as características que lhe deram grande popularidade entre os apreciadores do gênero. De fato, nesse episódio da novela agora escrita por Otávio Augusto Vampré (que provou não ter qualidades para produzir histórias seriadas policiais), nota-se uma lentidão paulificante, uma falta de ação tremenda e um "suspense" que não chega a merecer essa designação, já que não emociona ninguém. O que salvou a audição foi o desempenho dos intérpretes, todos no mesmo plano, procurando dar vida a um "script" morto, indigno da tradição do "terror dos detectives". Hélio Ribeiro (Jaguar), Hilda Barros (Lilian), Ronaldo Magalhães (Ling-Tung), Aurélio Teixeira (Comissário) e Nelly Villanova (a moça do telefone) merecem aplausos por terem dado um pouco de vida a êsse capítulo que ouvimos. Louve-se, igualmente, o trabalho do ensaiador, Paulo Célio. Cotação: regular.

"CARNAVAL NA MADRUGADA" — 1,00, dia 4 de dezembro — Emissora Continental — Foi uma bela surprêsa para o crítico ouvir êsse programa. Nêle, Carlos Pallut teve oportunidade de mostrar que é uma coisa que muita gente quer e nunca foi: "disc-jockey". Comentando as músicas para o reinado de Momo sem tropeções nem têrmos afetados, repetindo alguns trechos das melodias apresentadas para ilustrar sua brilhante argumentação e tecendo interessantes paralelos entre as músicas carnavalescas atuais e as do passado, êle cumpriu excelente performance. Aproveitando a oportunidade, sugiro a alguns elementos do "broadcasting" guanabarino que teimam em intitular-se "disc-jockey's" que ouçam "Carnaval na madrugada". Aprenderão muito, sem dúvida. Cotação: **ótimo**.

"ESTADO DO RIO EM REVISTA" — 19,00, dia 3 de dezembro — Rádio Mauá — Com notícias e informações de grande interêsse sôbre a província fluminense, êsse programa de Héber Lobato é de grande interêsse para os que residem do lado de lá da Baía de Guanabara. Pena é que em "Estado do Rio em Revista" atue um locutor fraquíssimo, o sr. Mário Loredo, que não dispõe dos mínimos recursos necessários para quem deseja ganhar a vida como "speaker". Garanto que se êsse cavalheiro fizesse um teste na "Hora do Pato" levaria pau. Cotação: boa, levando-se em conta a correta atuação de Héber Lobato e o valor das notícias divulgadas.

"O QUE OUVIMOS NO CINEMA" — 8,30, dia 6 de dezembro — Rádio Nacional — Eis aí um programa que teria tudo para agradar os fãs cinematográficos, se realmente apresentasse o que ouvimos no cinema. Porque, incrível como pareça, essa audição segue lamentàvelmente as pegadas dos demais, divulgando apenas melodias das películas norte-americanas. Assim, os ritmos gostosos que comumente ouvimos em filmes italianos, franceses, mexicanos e, até mesmo, brasileiros, são postos à margem injustificàvelmente. Reinaldo Dias Leme, chefe da discoteca da Rádio Nacional, deve o quanto antes sanar essa anomalia para que o "broadcast" faça jus ao título. O locutor que teve a pesada tarefa de ler grande número de textos, desincumbiu-se a contento de sua missão. Cotação: **sofrível**.

A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

Rádio Social

NÃO ACREDITEM NÊLES

Tia Laura, quando soube do rompimento do noivado de Mary Gonçalves com Bill Farr, não quis acreditar. Por isso mesmo, iniciou uma série de investigações tendentes a esclarecer a coisa. Agora, felizmente posso trazer ao conhecimento de quantos lêem êste cantinho de A CENA uma notícia bastante agradável: os dois queridos artistas não acabaram com o noivado nem pensam em fazer tal coisa. Êles apenas anunciaram o rompimento por terem ouvido dizer que isso lhes traria maiores benefícios, artìsticamente falando. Portanto, fiquem alertas, queridos fãs. Dentro em pouco o casamento da Rainha do Rádio com o seresteiro Bill Farr estourará por aí.

CASARA MESMO?

Anunciaram que o casamento de Alziro Zarur sairá êste mês, sem falta. Tia Laura, que conhece como a palma de sua mão o conhecido "broadcaster", não acredita muito nisso, não. E querem saber por que? O Zarur é o homem mais descansado dêste mundo e já adiou o seu matrimônio mais de não sei quantas vêzes.

ISSO NÃO SE FAZ!

Apesar de têrmos anunciado que o sanfoneiro Luis Gonzaga comemorará mais um aniversário no dia 13 do corrente, uma revista noticiou que o "Lua" festeja o seu natalício a 5 dêste mês. Isso não se faz. Tia Laura não gostou do que fizeram com o seu amigo Luí.

E' BOATO, PESSOAL!

Onde é que já se viu uma coisa dessas?! Algumas pessoas disseram que o Aldo Madureira e a Hilda Barros — que formam um dos casais mais felizes do rádio brasileiro — estavam esperando a visita da cegonha. Quando Tia Laura soube do negócio, protestou enèrgicamente. Isso não passa de boato. Bem que o Aldo e a Hilda queriam ser presenteados com um herdeiro, mas não agora.

QUE E' QUE HÁ?

Ao que parece, aquêle romance tão falado que teria surgido entre Olivinha de Carvalho e um cinematografista português não foi adiante. Agora, ao que se diz de bôca pequena, a festejada cantora está no alvo de um "broadcaster" de grande popularidade. Quando o negócio estiver firmado, Tia Laura dirá o nome dêle para vocês, tá bem?

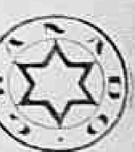
TRADIÇÃO



ÁGUA INGLÊSA GRANADÒ

• Aperitiva
• Tônica
• Fortificante





O "SCRIPT" PÕE E O...

(Cont. da pág. 19)

tilidade em papéis dramáticos (como em «Nossa Cidade»), românticos (como em «Revoada das Águias») e cômicos (como em «Tudo por um Beijo»). Depois Tio Sam chamou-o. Bill começou servindo no Exército como soldado raso... e acabou como Primeiro-Tenente da Fôrça Aérea. Após nova série dos mais diversos filmes («No Velho Colorado», «Apartamento para Dois», etc.), êle foi escolhido pelo grande diretor Billy Wilder para ser o galã de Gloria Swanson na película que ficaria na história do cinema como uma das mais inteligentes de todos os tempos: «Crepúsculo dos Deuses». Até há pouco, Holden considerava êsse o melhor papel da sua carreira. Agora, porém...

— ... acabo de fazer um filme aqui na Paramount, também dirigido por Wilder, no qual sou um prisioneiro de guerra. Chama-se «Stalag 17», da famosa peça da Broadway e creio que Wilder ultrapassaria o seu próprio sucesso de «Sunset Boulevard». Meu papel é excelente e interpretei-o com todo o coração.

— Está feliz com a sua carreira no cinema, Bill?

— Sim, acho a profissão de ator a mais fascinante do mundo. No entanto, tenho que reconhecer que, algumas vêzes, o «faz de conta» dos estúdios vem a ser um tremendo «bluff» para nós.

— Explique-nos em que sentido, sim?

O «astro» sorri divertido:

— Retiro-me aos momentos em que o «script» põe... e o destino dispõe! Por exemplo: se estou representando uma cena de poker, em que devo receber um mau jôgo, e o artista que está dando as cartas acidentalmente me passa quatro reis, não é o tipo da coisa desagradável ter que obedecer ao «script» e dizer a minha próxima linha de diálogo — «Passo»? Ou, suponhamos que interpreto um boxeur. E' a primeira cena que filmamos no dia. Dormi bem, o dia está lindo e sinto-me com ótima disposição física. Vou para o «ring» e começo a lutar com o meu oponente. Aos poucos, vou me esquecendo de que estou cercado de luzes e câmaras e começo a praticar mesmo o box. No auge do meu entusiasmo, já sinto-me vitorioso, sùbitamente volto à realidade e lembro-me do «script»: «esta é a luta em que caio nocaute logo no primeiro round...» E' ou não é um verdadeiro «bluff»?!...

Não pudemos deixar de rir ante a expressão desconsolada de Holden e tivemos que concordar com as suas bem expostas razões. Em Hollywood, Bill é considerado um dos mais cultos atores e, por isso mesmo, tem sido sempre escolhido para conferências em prol da indústria, discussões com a imprensa, etc. Tivemos a prova da sua acurada inteligência, através de uma conversa pessoal, em que êle analisou os seus próprios sentimentos. Pelos fragmentos dessa análise, os leitores poderão ter uma idéia do filósofo que é Bill Holden.

— Encaro a vida como algo que deve ser explorado, pesquisado e ponderadamente medido, a fim de se ter uma boa compreensão das nossas próprias experiências... Muitas vêzes considero-me um desiludido na minha maneira de encarar as coisas. Não por falta de fé nas pessoas ou nas situações, mas porque não espero perfeição de ninguém... em nada. Por outro lado, não suporto uma criatura que comete o mesmo êrro duas vêzes... Pensando bem, acho que sou um meio-têrmo — entre o pessimista e o otimista, pois, antes de tomar uma decisão, sempre vejo as coisas pelos dois prismas: o bom e o mau... Nada temo na vida, a não ser Deus. Minha única ambição é continuar sendo um bom chefe de família... porque acho que a vida no lar é um trabalho de equipe: como no cinema, onde o diretor, o produtor, o ator e todo o pessoal técnico do estúdio contribuem com a sua especialidade para a realização de um bom filme...

E a compreensão de Bill é que tornou o seu casamento um sucesso. No dia 31 de julho de 1941, quando «in location» no Arizona para a filmagem da película do mesmo nome, com Jean Arthur, êle desposou a atriz Brenda Marshall, com quem teve dois filhos: Peter, nascido em 1943 e Scott, em 1946. Brenda tem uma filha de 14 anos, do seu primeiro casamento, à qual Bill dispensa o mesmo carinho que aos seus próprios garotos. Quando lhe perguntamos como conseguira manter feliz o seu casamento com Brenda, Bill respondeu surprêso:

— Não sei... nunca pensei nisso! Talvez seja porque a palavra «divórcio» não existe no meu dicionário...

Ao que parece, no dicionário de Holden a palavra predominante é «trabalho». Após a filmagem de «Forever Famale», êle irá novamente à Coréia, onde já estêve recentemente entretendo as tropas americanas. Em seguida, talvez vá até a Índia fazer mais um filme para Billy Wilder e, mais tarde, à Europa para passar as suas merecidas férias. Depois...

— ... bem, tenho preguiça de pensar o que farei em futuro tão remoto... Deixe-me primeiro gozar as minhas férias, sim?...

CARMÉLIA ALVES NÃO...

(Cont. da pág. 23)

eu gosto imensamente de cantar e prezo bastante os meus fãs. Por isso, desde que me seja possível, atendo aos seus reclamos.

Já que estávamos falando em excursões, quisemos saber da interessante cantora se era verdade que ela recebera excelente proposta para levar os nossos ritmos ao distante Egito.

— De fato — explica a exclusiva da Nacional — recebi o convite. Porém, como pouco depois ingressei na Nacional e firmei excelente contrato com uma «boite», achei de bom alvitre deixar essa viagem para mais tarde.

— Então é bem possível que você ainda visite a terra dos faraós?

— As possibilidades são muitas... — afirmou, reticente, a popular vocalista.

Jimmy Lester, que acompanhava com viva atenção as declarações da espôsa, confirmou com a cabeça.

O MAIOR DESEJO NÃO PODE SER REALIZADO

Nossa conversa toma outro rumo. Um rádio próximo a nós espalha, baixinho, a mais recente gravação de Carmélia Alves. E' um samba carnavalesco do mestre Humberto Teixeira, o estilizador do baião. Aproveitamos a sugestão e lançamos a pergunta:

— E sôbre o carnaval, Carmélia?! Espera brilhar?

Ela responde com outra pergunta:

— Quem não espera?

E depois acrescenta:

— Deposito grande esperança nesse samba que você está ouvindo. Portánto, fique certo que estou no páreo.

O prestimoso Jimmy serve-nos, então, um cafèzinho e, enquanto sorvemos a rubiácea fumegante, fizemos a última pergunta à querida vocalista:

— Qual é o seu maior desejo, Carmélia?

— E' ter um herdeiro... Infelizmente, porém, não posso realizar essa grande aspiração, pois, como você deve saber, eu e Jimmy levamos uma vida atarefada, cheia de mil e um compromissos artísticos. Como vê, não briguei com a cegonha. Não posso, o que é uma tristeza para nós dois, atendê-la no momento.

E concluindo a entrevista:

— Mais tarde, quem sabe? a família Curvelo Ramos será aumentada...

TABARIN, NINHO DE MULHERES BONITAS...

(Cont. da pág. 7)

impera nos espetáculos do célebre «music-hall». As cenas de grande espetáculo foram rodadas no célebre palco da Rue Victor-Massé. O corpo de baile foi inteiramente mobilizado e, durante 8 dias, trabalhou das 9 da manhã às 8 da noite, sem contar naturalmente, a representação quotidiana (que jamais termina antes das duas da madrugada).

Apesar do calor e do trabalho extenuante que foi preciso, tudo se passou muito bem, sem incidentes de importância. E' verdade que Carl Lamac, o diretor, não se tornou famoso por enervar os seus intérpretes. Tem grande experiência com filmes alegres e leves (foi êle o descobridor de Anny Ondra em 1930, fazendo-a «estreiar» inúmeros filmes seus). Com o chapéu virado para trás sôbre os cabelos louros, as mãos nos bolsos, sem gritos ou gestos inúteis, êle espera pacientemente que se faça silêncio, para então agir.

Lamac não teve do que se queixar; cada um fêz prova da melhor boa vontade, principalmente, as coristas. Para estas, foi algo novo e de grande interêsse essa incursão no cinema. Porque, se muitas vêzes os jornais cinematográficos vieram fazer reportagem e se mesmo fragmentos de cenas foram rodadas no Tabarin, jamais o espetáculo completo mereceu as honras da «camera», da direção e dos eletricistas como em «Uma noite no Tabarin».

A par belos números de canto e dança, o filme conta uma história sumamente divertida, qual seja a de um presidente de uma liga contra a imoralidade dos «cabarets», que, por ironia do destino, herda o Tarabin... O novo ator Robert Dhery (é o seu primeiro filme exibido no Brasil) faz êste papel de maneira excelente. Jacqueline Gauthier é a encantadora «Cora», a «vedette» do Tabarin, apresentando uma belíssima canção «Comme les saisons», que vai conquistar os melomanos. «Uma noite no Tabarin» fará o público assistir um «show» inteiro do Tabarin, sem sair de sua poltrona...

POR CAUSA DE...

(Cont. da pág. 26)

— Para falar com franqueza, o suficiente para um cubano viver bem, sem se preocupar com o futuro...

Quisemos saber, em seguida, se êle trabalhava em qualquer lugar e não precisava de ambiente especial para inspirar-se.

— De modo algum — respondeu prontamente o autor de «Os que não devem nascer», que a Rádio Tamoio está apresentando às têrças, quintas e sábados, às cinco e meia da noite, e as segundas, quartas e sextas-feiras, às 12 h. e 30m. — Não levo em conta o ambiente, pois a inspiração nasce dentro da gente brotando em qualquer lugar em que nos encontremos.

E depois acrescenta:

— Também gosto de pintar e de fazer músicas, sabiam?

Não sabíamos e êle cita uma de suas produções musicais de sucesso:

— Minha «Te Odeio», chegou a ser gravada por Bing Crosby.

BATIZOU TREZENTAS CRIANÇAS

Após atender alguns curiosos, distribuindo autógrafos e dedicatórias amáveis, Felix Caignet tornou ao «affaire» «O direito de nascer»:

— Como já disse, a minha campanha anti-abôrto deu os melhores resultados, por que, três meses depois do lançamento de «O direito de nascer», em Cuba, recebi mais de três mil cartas de mães que pretendiam desfazer-se de seus filhos. Essas senhoras, ouvindo a minha novela, chegaram à conclusão de que o seu crime era inominável e odioso e, por isso, abandonaram a sinistra idéia. Outras trezentas senhoras, agradecidas aos meus conselhos, resolveram prestar-me singela homenagem, dando-me seus filhos como afilhados. Levei-os, eu mesmo, à pia batismal...

AGRADECIDO AOS ARTISTAS

Além de ser grandes homenagens — as Associadas dedicaram-lhe grande programa, no Maracanã dos auditorios — Felix Caignet fêz questão de também homenagear os artistas, ensaiadores e técnicos de som que cooperaram para o grande sucesso de «O direito de nascer», no Brasil.

— Se não fôsse êles — disse o novelista, justificando êsse gesto raro — minha história seriada não teria alcançado a têrça parte do êxito obtido.

Nessa altura da palestra, o autor cubano iniciou o segundo Havana e, após afirmar que não dispensava um bom charuto, disse:

— Presentemente, estou bastante preocupado com o cinema. Juntamente com alguns amigos mexicanos, formei uma emprêsa cinematográfica, à qual demos o nome de «Cumex». Nessa viagem que estou empreendendo pelos países sul-americanos, o meu objetivo é sondar o ambiente para ver o que poderemos fazer. Por que, fique certo do que lhe digo, onde houver um bom argumento capaz de ser levado à tela, a «Cumex» estará presente.

Já se fazia tarde e o novelista era aguardado para um almôço com os diretores das Associadas no «Vogue». Antes das clássicas despedidas, ainda foi-lhe feita uma pergunta:

— Você é casado, Caignet?

Êle mostrou o dedo anular da mão esquerda, como que para reforçar a resposta negativa e concluiu:

— Casar pra que? Apesar dos meus 62 anos bem vividos, sou um celibatário feliz, pois não sou nenhum solitário. Tenho lindas sobrinhas — verdadeiros anjos, meu caro — que muito me admiram porque, modéstia à parte, sou um tio excelente.

Do Rio, Felix Caignet seguiu para Buenos Aires, onde é aguardado com viva ansiedade, em face do êxito alcançado pelas suas principais novelas.

SEDUTORA SELVAGEM

(Cont. da pág. 14)

a tudo escuta, fere mortalmente Giuseppe que momentos depois morre nos braços de Martha e foge para as montanhas.

Antônio entrincheirado como uma água no alto da montanha morrerá de inanição... mas uma pessoa leva-lhe alimentos sem que a polícia suspeite. Essa pessoa é Martha, a espôsa do assassinado, por que ela compreende que o seu marido fôra o culpado.

Carmelle, não resistindo a separação resolve afrontar todos os perigos para reunir-se a Antônio. Informa-se com Martha o local em que se encontra o seu único amor. Ao chegar a montanha Antônio diz-lhe que só esperava êste gesto para decidir sua vida. Se ela voltasse fugiria em sua companhia do contrário deixaria que a polícia o motasse.

Quando o sol vai pondo-se no horizonte o casal palmilha uma estrada que os levará a pôsto seguro, onde serão felizes longe daquele inferno de ciúme, intriga e cunspicência!

UM FESTIVAL...

(Cont. da pág. 10)

nalou uma reunião de alto sentido de camaradagem e simpatia. Usando da palavra, no memorável jantar que reuniu no Hotel Glória cêrca de 200 pessoas, vários exibidores, do Rio e dos Estados, expressaram justamente aquela muito grata conseqüência do Festival.

— Muitos foram os telegramas recebidos pela M.G.M. de exibidores, que não puderam comparecer, augurando o maior sucesso ao Festival, que, no consenso geral, «deixou muitas saudades».

O "Livro Maravilhoso" dos MIL assuntos

JÁ SAIU!

O MAIS BELO
O MAIS ÚTIL
O MAIS COMPLETO
ALMANAQUE
BRASILEIRO!

20 CONTOS

NARRATIVAS
HISTÓRICAS

MARAVILHOSAS
HISTÓRIAS INFANTIS

PÁGINAS EM POLICROMIA

1 COMÉDIA PARA
REPRESENTAR

Um romance completo:

"QUO VADIS" De H. SIENKIEWICZ
Maravilhosamente ilustrado a côres, por Fortunio Matania

CHARADAS, ADVINHAÇÕES, ETC.

PREÇO CR$ 25,00

O ANO — CRISTÃO — CATÓLICO CIVIL — ISRAELITA — PERPÉTUO — PERPÉTUO DAS FESTAS MÓVEIS

CALENDÁRIOS — CATÓLICO — EVANGÉLICO — CIENTÍFICO — AERONÁUTICO — ARTÍSTICO — ASTROLÓGICO — AGRÍCOLA

INFORMAÇÕES GERAIS PARA 1953 — TÁBOA PLANETÁRIA — FASES DA LUA — CONCORDÂNCIAS DAS PRINCIPAIS ERAS — COMEÇO DAS ESTAÇÕES — FESTAS RELIGIOSAS MÓVEIS — ECLIPSES DE 1953 — FESTAS RELIGIOSAS FIXAS — DATAS COMEMORADAS PELAS IGREJAS EVANGÉLICAS — LIÇÕES PARA AS ESCOLAS DOMINICAIS — OS MORTOS DO ANO — OS CAMPEÕES DO ANO — OS CENTENÁRIOS DO ANO

Almanaque

NAS BANCAS DE JORNAIS, EM TODO O BRASIL

1953

EU SEI TUDO

PEDIDOS A CIA. EDITÔRA AMERICANA — RUA MARANGUAPE, 15 — LAPA — RIO

Nas 5 lojas da PERFUMARIA MEYER

V. S. encontrará o que desejar!

RUA ARQUIAS CORDEIRO, 275 a 279 e 285 a 293
MEYER — Tels. 29-0968 — 29-1850 — 29-1479 e 29-1786

FABRICA de Bibelots MITAC — Perfumes MIMO — Tintas TIC-TAC
RUA DOIS DE MAIO, 534-A — Telefone: 29-0756

SALÃO DE CABELEIREIROS DAS LOJAS DA PERFUMARIA MEYER



Grande variedade de artigos para presentes de Natal, em 5 lojas especializadas.

Vieiras de Castro & Cia. Ltda. Rio